

O MEDO DO FEMININO

e outros ensaios sobre
a psicologia feminina

Erich Neumann



Estes ensaios de Erich Neumann, famoso psicólogo e estudioso da criatividade, pertencem ao contexto da psicologia profunda da cultura e revelam interesse especial sobre a unilateralidade da civilização ocidental patriarcal. Ele recomenda uma “terapia cultural”, com a qual pensa poder redefinir uma “ignorância fundamental” sobre a psicologia feminina e masculina, e busca a cura da “consciência matriarcal” que forma a ponte entre o feminino e o criativo. Desenvolver uma síntese do feminino e do masculino na realidade psíquica do indivíduo e do coletivo é, segundo o autor, uma das tarefas fundamentais do futuro, tanto da sociedade quanto do indivíduo.

ERICH NEUMANN nasceu em Berlim em 1905. Foi discípulo de C. G. Jung e praticou a psicologia analítica em Tel Aviv de 1934 até sua morte em 1960. Paulus publicou do mesmo autor: *Psicologia Profunda e Nova Ética*, nesta mesma coleção.

Amor
e
Psique

ISBN 978-85-349-1659-2



9 788534 916592

Autoconhecimento e a dimensão social (0)

- *Encontros de psicologia analítica*, Maria Elci Spaccaquerche (org.)
- *Família em foco (A): sob as lentes do cinema*, Marfiza Terezinha Ramalho Reis; Maria Elci Spaccaquerche
- *Jung, o médico da alma*, Viviane Thibaudier
- *Meditações sobre os 22 arcanos maiores do tarô*, Anônimo

Contos de fadas e histórias mitológicas

- *Gato (O): um conto da redenção feminino*, Marie-Louise von Franz
- *Individuação nos contos de fada (A)*, Marie-Louise von Franz
- *Interpretação dos contos de fada (A)*, Marie-Louise von Franz
- *Mitologemas: encarnações do mundo invisível*, James Hollis
- *O que conta o conto?*, Jette Bonaventure

Corpo e a dimensão fisiopsíquica

- *Dioniso no exílio: sobre a repressão da emoção e do corpo*, Rafael Lopez Pedraza
- *Medicina arquetípica*, A. J. Ziegler
- *Presença no corpo: eutonia e psicologia analítica*, Marcel Gaumond

Feminino (0)

- *Deusas e a mulher (As)*, Jean Shinoda Bolen
- *Liderança feminina: gestão, psicologia junguiana, espiritualidade e a jornada global através do purgatório*, Karin Jironet
- *Medo do feminino (O)*, Erich Neumann
- *Mistérios da mulher (Os)*, Mary Esther Harding
- *O que conta o conto? (II) – Variações sobre o tema mulher*, Jette Bonaventure
- *Prostituta sagrada (A)*, Nancy Qualls-Corbett

Masculino (0)

- *Deuses e o homem (Os)*, Jean Shinoda Bolen
- *Pai e a psique (O)*, Alberto Pereira Lima Filho
- *Sob a sombra de Saturno*, James Hollis

Maturidade e envelhecimento

- *Assombrações: dissipando os fantasmas que dirigem nossas vidas*, James Hollis
- *No meio da vida: uma perspectiva junguiana*, Murray Stein
- *Passagem do meio (A)*, James Hollis

Psicologia e religião

- *Uma busca interior em psicologia e religião*, James Hillman

Psicoterapia, imagens e técnicas psicoterápicas

- *Abuso do poder na psicoterapia e na medicina, serviço social, sacerdócio e magistério (O)*, Adolf Guggenbühl-Craig
- *Letras imaginativas: breves ensaios de psicologia arquetípica*, Marcus Quintaes
- *Mistério da conjunctio (O): imagem alquímica da individuação*, Edward F. Edinger
- *Mundo secreto dos desenhos (O): uma abordagem junguiana da cura pela arte*, Gregg M. Furth
- *Mundo interior do trauma (O): defesas arquetípicas do espírito pessoal*, Donald Kalsched
- *Psicoterapia junguiana e a pesquisa contemporânea com crianças: padrões básicos de intercâmbio emocional*, Mario Jacoby
- *Psiquiatria junguiana*, Heinrich Karl Fierz
- *Saudades do paraíso: perspectivas psicológicas de um arquétipo*, Mário Jacoby

Puer (0)

- *Livro do puer (O): ensaios sobre o arquétipo do puer aeternus*, James Hillman
- *Puer aeternus*, Marie-Louise von Franz

Relacionamentos e parcerias

- *Eros e pathos: amor e sofrimento*, Aldo Carotenuto
- *Parceiros invisíveis (Os): o masculino e o feminino*, John A. Sanford

Sombra

- *Mal, o lado sombrio da realidade*, John A. Sanford
- *Pantanois da alma (Os)*, James Hollis

Sonhos

- *Aprendendo com os sonhos*, Marion Rausch Gallbach
- *Breve curso sobre os sonhos*, Robert Bosnak
- *Como entender os sonhos*, Mary Ann Mattoon
- *Pã e o pesadelo*, James Hillman
- *Sonhos e a cura da alma (Os)*, John A. Sanford
- *Sonhos na psicologia junguiana: novas perspectivas no contexto brasileiro*, VV.AA.

O MEDO DO FEMININO

E outros ensaios sobre a psicologia feminina



Título original: *The fear of the feminine — and other essays on feminine psychology*
© Princeton University Press, 41 William Street, Princeton, New Jersey, 08540

Tradução: *Thereza Christina Stummer*

Revisão: *Ivo Storniolo*

Coleção AMOR E PSIQUE dirigida por: *Dr. Léon Bonaventure*
Dra. Maria Elci Spaccaquerche

Impressão e acabamento: PSI7

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Neumann, Erich

O medo do feminino: e outros ensaios sobre a psicologia feminina / Erich Neumann; [tradução
Thereza Christina Stummer]. — São Paulo: Paulus, 2000. — Coleção Amor e psique.

Título original: *The fear of the feminine*.

Bibliografia.

ISBN 978-85-349-1659-2

1. Feminilidade (Psicologia) 2. Mulheres – Psicologia 3. Psicanálise I. Título. II. Série.

99-5369

CDD-155.633

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicologia feminina 155.633

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções:

paulus.com.br/cadastro

Televendas: (11) 3789-4000 / 0800 16 40 11



1ª edição, 2000

4ª reimpressão, 2017

© PAULUS – 2000

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700 • Fax: (11) 5579-3627

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-1659-2

ISBN 0-691-03473-7 (ed. original)

INTRODUÇÃO À COLEÇÃO AMOR E PSIQUE

Na busca de sua alma e do sentido de sua vida, o homem descobriu novos caminhos que o levam para a sua interioridade: o seu próprio espaço interior torna-se um lugar novo de experiência. Os viajantes destes caminhos nos revelam que somente o amor é capaz de gerar a alma, mas também o amor precisa de alma. Assim, em lugar de buscar causas, explicações psicopatológicas às nossas feridas e aos nossos sofrimentos, precisamos, em primeiro lugar, amar a nossa alma, assim como ela é. Deste modo é que poderemos reconhecer que estas feridas e estes sofrimentos nasceram de uma falta de amor. Por outro lado, revelam-nos que a alma se orienta para um centro pessoal e transpessoal, para a nossa unidade e a realização de nossa totalidade. Assim a nossa própria vida carrega em si um sentido, o de restaurar a nossa unidade primeira.

Finalmente, não é o espiritual que aparece primeiro, mas o psíquico, e depois o espiritual. É a partir do olhar do imo espiritual interior que a alma toma seu sentido, o que significa que a psicologia pode de novo estender a mão para a teologia.

Esta perspectiva psicológica nova é fruto do esforço para libertar a alma da dominação da psicopatologia, do espírito analítico e do psicologismo, para que volte a si mesma, à sua própria originalidade. Ela nasceu de reflexões durante a prática psicoterápica, e está começando a

renovar o modelo e a finalidade da psicoterapia. É uma nova visão do homem na sua existência cotidiana, do seu tempo, e dentro de seu contexto cultural, abrindo dimensões diferentes de nossa existência para podermos reencontrar a nossa alma. Ela poderá alimentar todos aqueles que são sensíveis à necessidade de inserir mais alma em todas as atividades humanas.

A finalidade da presente coleção é precisamente restituir a alma a si mesma e “ver aparecer uma geração de sacerdotes capazes de entender novamente a linguagem da alma”, como C. G. Jung o desejava.

Léon Bonaventure

NOTA INTRODUTÓRIA

A presente tradução brasileira deu-se a partir da versão para o inglês dos textos de Erich Neumann reunidos sob o título *The fear of the feminine*.

Os três primeiros ensaios eram parte do *Zur Psychologie des Weiblichen*, publicado pela Rascher Verlag, em 1953, como segundo volume de uma série de obras de Erich Neumann: “Umkreisung der Mitte: Aufsätze zur Tiefenpsychologie der Kultur” (“Em torno do ponto central: ensaios de psicologia profunda da cultura”).

O Prefácio de Neumann para aquela sua obra é aqui reproduzido, por ser relevante também para os dois outros ensaios acrescentados neste livro. A história dos textos originais é a seguir esclarecida.

“Os estágios psicológicos do desenvolvimento da mulher” é o primeiro ensaio. Foi ampliado e revisto a partir de uma conferência a associações de Psicologia em Zurique, Basel e Tel Aviv. A conferência incluía um ensaio, “Die Urbeziehung der Mutter” (“A relação primordial com a Mãe”), publicado em *Der Psychologe* III (Bern), em 1951, mais tarde incorporado à obra-prima de Neumann: *A Grande Mãe* (com tradução brasileira pela editora Cultrix de São Paulo).

O segundo, “A lua e a consciência matriarcal”, foi publicado em um número especial de *Eranos Jahrbuch* XVIII, em 1950, como homenagem aos setenta e cinco anos de Carl Gustav Jung. Com o título de *Aus der Welt der Urbilder* (“Do mundo dos arquétipos”), esse número trazia mais dez ensaios de conferencistas em Eranos.

“Sobre a ‘Flauta Mágica’ de Mozart”, o terceiro ensaio, recebeu acréscimos a partir de uma conferência para associações de psicologia em Zurique, Basel e Tel Aviv. A versão que se publicou foi dedicada por Neumann à sua mulher, Julie Neumann, psicóloga analítica. Esse trabalho teve tradução para o inglês por Esther Doughty e saiu em *Quadrant* II (1978), uma publicação da Fundação C. G. Jung de Nova York. O texto foi revisto por Boris Matthews, que também traduziu para o inglês o Prefácio do autor, os dois primeiros ensaios e o último, “O medo do Feminino”.

Aos três ensaios originais sobre o Feminino, reuniram-se outros dois. “O significado do arquétipo da terra para os tempos modernos” foi uma palestra que Neumann proferiu em Tel Aviv e, depois, na conferência de 1953 em Eranos, com sua primeira publicação no *Jahrbuch* de 1953. A tradução para o inglês saiu na *Harvest*, revista de estudos junguianos da Associação de Psicologia Analítica de Londres, em duas partes: a primeira, no número 1981, na tradução do saudoso Eugene Rolfe, baseada em um rascunho de Madeline Lockwood editado por Ruth Ludgate; a segunda, no número 1983, na tradução de Michael Cullingworth.

“O medo do Feminino” era parte de um simpósio realizado no Instituto C. G. Jung de Zurique, publicado como *Die Angst* (“O medo”) pela Rascher Verlag, nos “Studien aus dem C. G. Jung Institut” (1959), com contribuições de oito estudiosos de várias disciplinas.

Três ensaios já haviam sido traduzidos para o inglês: “Os estágios psicológicos do desenvolvimento da mulher”, na tradução de Rebecca Jacobson, revista por Hildegard Nagel e por Jane D. Pratt, para a revista *Spring* (1959); “A lua e a consciência matriarcal”, na tradução (parcial) de H. Nagel, para a *Spring* (1954); e “O medo do Feminino”, na tradução (também parcial) de Irene Gad e Ruth Horine, editada por Jeanne Walker, para a *Quadrant* 19 (1986). Essas versões foram consultadas para a edição em inglês reunida pela Princeton University Press, da qual resultou esta tradução brasileira.

* * *

No correr do texto, aparece o termo “Self” (com maiúscula), aí mantido no sentido junguiano.

O termo *das Weibliche* aparece, conforme o contexto, na versão em inglês e também na presente tradução como “mulher” ou “mulheres” (quando apresentou conotação individual), “o Feminino” ou “o Feminino Arquétipo” (quando assumiu um sentido arquetípico), ainda como “mulher”, “fêmea” e “o Feminino” (quando o termo alemão pareceu referir-se tanto à mulher individualmente quanto à energia arquetípica).

Igual princípio adotou-se para o termo *das Männliche*, traduzido ora por “o Masculino”, ora por “macho” ou “homem”.

ABREVIATURAS DAS REFERENCIAS

B.S. = Bollingen Series (Nova York e Princeton).

CW = The Collected Works of C. G. Jung, edição organizada por Gerhard Adler, Michael Fordham, Herbert Read e William McGuire, 20 volumes, traduzida para o inglês por R. F. C. Hull, 1951-1979, Nova York/Princeton (B.S. XX) e Londres [as obras completas — O.C. — de Jung têm tradução em português pela editora Vozes de Petrópolis].

EJ = *Eranos Jahrbücher*, organizado por Olga Froebe-Kapteyn (até 1960), Zurique.

Freud, Sigmund, Standard Ed. = The Standard Edition das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 24 volumes, traduzidas para o inglês por James Strachey e outros, 1953-1974, Londres [a “Edição Standard” das obras de Freud encontra-se traduzida em português pela editora Imago do Rio de Janeiro].

Jung, C. G., “The Relations” = “The Relations between the Ego and the Unconscious”, nas O.C. 7, §§ 202-406; original: “Die Beziehungen zwischen dem Ich und dem Unbewussten”, *Gesammelte Werke* 7 (Zurique/Olten), cuja primeira edição, como livro revisto de uma conferência de 1916, deu-se em Zurique (1928).

Neumann, *Amor and Psyche: The Psychic Development of the Feminine, A Commentary on the Tale by Apuleius*, trad, para o inglês por Ralph Manheim, Nova York (B.S. LIV) e Londres, 1956; original: *Amor und Psyche. Mit einem Kommentar von Erich Neumann. Ein Beitrag zur seelischen Entwicklung der Weiblichen*, Zurique, 1952 [com tradução brasileira pela editora Cultrix de São Paulo: *Amor e Psique*].

Neumann, *Depth Psychology and a New Ethic*, trad, para o inglês por Eugene Rolfe, Nova York, 1969; original: *Tiefenpsychologie und neue Ethik*, Zurique, 1948 [com tradução brasileira do original alemão: *Psicologia Profunda e Nova Ética*, Paulus, São Paulo].

Neumann, *The Great Mother: An Analysis of the Archetype*, trad, para o inglês por Ralph Manheim, Nova York (B.S. XLVII) e Lon-

dres, 1955; original: *Die Grosse Mutter. Der Archetyp des grossen Weiblichen*, Zurique, 1956 [com tradução brasileira pela editora Cultrix de São Paulo: *A Grande Mãe — Um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente*].

Neumann, *The Origins and History of Consciousness*, trad, para o inglês por R. F. C. Hull, Nova York (B.S. XLII) e Londres, 1954; original: *Ursprungsgeschichte des Bewusstseins*, Zurique, 1949.

Neumann, U. d. M. = *Umkreisung der Mitte*, 3 volumes, Zurique, 1953.

PEY = *Papers from the Eranos Yearbooks*, trad, para o inglês por Ralph Manheim e R. F. C. Hull, 6 volumes, Nova York/Princeton (B.S. XXX) e Londres, 1955-1968.

PREFÁCIO

Estes ensaios sobre a psicologia do Feminino inserem-se no contexto da psicologia profunda da cultura e da terapia cultural, uma vez que para a crise de nossa época contribuíram de forma cabal tanto o valor-cânone masculino da consciência ocidental, patriarcalmente unilateral, quanto a ignorância fundamental sobre a psicologia da mulher e da fêmea, diferentes na essência. Por isso a compreensão do Feminino constitui-se numa necessidade premente, e não apenas para entender o indivíduo singular, mas também para curar o coletivo.

A história do desenvolvimento da consciência no Ocidente é a de uma consciência masculina, orientada ativamente, cujas realizações conduziram à cultura patriarcal. Por sua vez, outras leis governam o desenvolvimento do Feminino — já que este não participa de nenhuma forma decisiva no desenvolvimento “masculino”, tal como se dá na época moderna. A natureza diferente da psique da mulher e da fêmea deve ser redescoberta, se as mulheres quiserem entender a si próprias, mas também se o mundo patriarcalmente masculino, adoecido graças à sua unilateralidade extrema, quiser re-cobrar a saúde.

A psicologia analítica percebeu que existe ativo no inconsciente do homem um elemento feminino e, no inconsciente da mulher, um elemento masculino. É necessária uma psicologia profunda do Feminino e das

mulheres que leve em conta esses novos *insights*, se quisermos compreender todos os problemas da relação e do casamento; além do quê, ela possibilita que mulheres e homens compreendam-se a si próprios de forma mais plena.

Em “Os estágios psicológicos do desenvolvimento da mulher”, procuramos dar um esboço abrangente dos passos no desenvolvimento da mulher, no que este difere dos do homem. Por sua vez, em “A lua e a consciência matriarcal” procuramos explicar a consciência feminino-matriarcal essencialmente diferente e que forma a base de muitos comportamentos e modos de ser peculiares das mulheres e do feminino. A “consciência matriarcal”, uma consciência “parturejante” em sentido bastante específico, forma a ponte entre a mulher e o indivíduo criativo — por exemplo, o artista do sexo masculino, no qual a anima, seu lado feminino (e, com a anima, também a consciência matriarcal), aparece com maior acento do que no homem patriarcal mediano.

Por conseguinte, o ensaio sobre *A flauta mágica* de Mozart calha de modo significativo a este contexto, porquanto o *Auseinandersetzung* — o conflito e a harmonia de um com outro — dos mundos matriarcal e patriarcal (os quais constituem o real objeto de nossa contribuição à “psicologia do feminino”) ocupa o centro da ópera e seu notável libreto. *A flauta mágica* supera tais antíteses e culmina em uma nova síntese. Desenvolver uma síntese assim, na realidade psíquica do individual e do coletivo: eis uma das tarefas fundamentais e voltadas ao futuro a cargo da terapia individual e cultural em nossa época.

TelAviv, 1952.

E. NEUMANN

I

OS ESTÁGIOS PSICOLÓGICOS DO DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICOS DA MULHER

Em *As origens e a história da consciência*,¹ traçamos o desenvolvimento dos estágios arquetípicos que conduzem à formação da consciência e de um ego ao qual chamamos de “patriarcal”, pois os portadores deste desdobramento predominantemente ocidental são homens com seus valores característicos.

Muito embora o desenvolvimento da consciência numa direção patriarcal também seja necessário para a mulher moderna, o desenvolvimento dela segue um curso essencialmente diverso. O desenvolvimento normal da mulher ocidental, bem como as premissas psicológicas de suas neuroses, constituem a base empírica para o esboço que tentaremos apresentar aqui.

O primeiro estágio do desenvolvimento feminino, bem como do masculino, é o de uma unidade psíquica caracterizada pelo símbolo do uróboro, a serpente que forma um círculo fechado, a comedora da própria cauda. Preferimos este símbolo ao conceito do inconsciente porque a vitalidade e a oposição dinâmica do processo são visíveis nele, e essas qualidades não são veiculadas pelo conceito de inconsciente.

“Die psychologischen Stadien der weiblichen Entwicklung” *Zur Psychologie des Weiblichen*. (Ver nota editorial acima) tradução em inglês de Boris Matthews.

¹Original: *Ursprungsgechichte des Bewusstseins*, Zurique, 1949.

Na situação psíquica original prevalece uma fusão, ou melhor, uma não-separação entre o ego e o inconsciente. Aqui estamos diante de um estágio pré-egotista da psique que se ergue filogenética e ontogeneticamente como o início do desenvolvimento de cada consciência individual. Neste estágio, o ego da mulher, como o ego do homem, se relaciona com o inconsciente como com uma mãe cuja superioridade é tão grande que ainda não se pode falar de uma separação mãe e filho, inconsciente e ego. Em certa medida, a criança ainda não nasceu e ainda está contida no uróboro materno. Em termos individuais, esta situação é expressa na falta de separação da criança em relação à mãe, assim como é exemplificada coletivamente pelo contenimento do indivíduo no poder suprapessoal, maternal, protetor do grupo, do clã ou da família, que em grande medida determina o que o indivíduo faz ou deixa de fazer.

Inicialmente o inconsciente aparece como a boa mãe, isto é, a relação primária da criança com ela tem um acento positivo, pois o ego dependente, infantil, é protegido e nutrido pelo ego materno. Por “relação primai com a mãe”, queremos dizer a totalidade dos relacionamentos do bebê ou da criança pequena com sua mãe, antes de ter uma personalidade delimitada por uma consciência centrada no ego. Há mais fatores transpessoais do que pessoais em ação no relacionamento primai, pois a criança está sujeita a uma preponderância de forças arquetípicas, transpessoais.

Arquetipicamente, o relacionamento primai — isto é, a dependência total do ego e do indivíduo em relação ao inconsciente e ao grupo — é experienciado em projeção sobre a mãe que, a despeito de sua individualidade, marca o bebê e a criança pequena como o uróboro materno e a Grande Mãe.² O relacionamento primai da filha com a

²Pode-se ver que estamos lidando com uma projeção pelo fato de que mesmo se outra pessoa — ou até um animal — tomar o lugar da mãe, pode assumir o papel do portador da projeção.

mãe difere fundamentalmente daquele do filho, e entender essa diferença constitui uma contribuição essencial para entender a discrepância entre a psicologia dos homens e a das mulheres.

Se dizemos que, após um ponto decisivo de seu desenvolvimento, a criança do sexo masculino experiencia a mãe como um “tu” dessemelhante, diferente dele próprio, ao passo que a criança do sexo feminino experiencia a mãe como um “tu” semelhante e não diferente, surge uma pergunta: Em que sentido queremos dizer isso, e como esse tipo de “diferença” é possível, uma vez que o bebê não pode inicialmente estar e de fato não está consciente de quaisquer diferenças sexuais?

O relacionamento embriônico, bem como o infantil, da criança com a mãe, é o protótipo de todos os relacionamentos primais. Neste sentido, o relacionamento primai de fato se “origina” na mãe, isto é, é moldado pelo arquétipo da mãe, protótipo psíquico do elemento materno que vive na psique humana. No entanto, isso não quer dizer que a reação psíquica da criança *surja* em virtude dos efeitos do relacionamento primai com a mãe pessoal, no sentido que, por exemplo, a psicanálise acredita que as experiências pessoais singulares do indivíduo são a causa de desenvolvimentos posteriores. O relacionamento embriônico, bem como o infantil, com a mãe, é o protótipo de toda instância de *participation mystique* e o “contenimento do ego no uróboro”³ simplesmente descreve este fato.

Na história da humanidade, a diferenciação do homem e da mulher está entre as mais precoces e impressionantes projeções de opostos, e a humanidade primeva considerava o homem e a mulher como o protótipo dos opostos em geral. Por esta razão, toda oposição aceita

³Neumann, *Origens e história*, op cit.

facilmente o simbolismo do Masculino e do Feminino, e por conseguinte, a oposição de consciente e inconsciente é experienciada em termos deste símbolo, com o Masculino sendo identificado ao consciente e o Feminino, ao inconsciente. Esta oposição simbólica não está limitada ao fenômeno secundário da anima e do animus;⁴ ela surge do contimento original no uróboro, o local do nascimento da consciência “masculina” e do inconsciente “maternal”. A objetividade do consciente se desenvolve a partir da não diferenciação do inconsciente no decorrer da história humana por meio de uma “separação” simbólica entre Masculino e Feminino. A criança do sexo masculino experiencia este princípio de oposição entre Masculino e Feminino dentro do relacionamento primal com a mãe, um relacionamento do qual a criança do sexo masculino deve desistir para alcançar o próprio potencial e encontrar sua identidade como macho.

A totalidade da psique, cujo centro é o Self, existe num relacionamento de identidade com o corpo, o veículo dos processos psíquicos. As mudanças físicas de bebê para menino, jovem, homem e ancião também são acompanhadas por mudanças psíquicas que diferem grandemente das mudanças correspondentes no desenvolvimento da mulher. Por isso, temos de supor entre os sexos uma diferença biopsíquica que é manifestada de maneiras simbólicas e arquetípicas, muito embora não possa ser expressa em quaisquer das categorias caracterológicas propriamente ditas. Portanto o Self, como a totalidade da personalidade, carrega justificadamente características sexuais secundárias, e tanto o corpo quanto a psique estão intimamente ligados em sua dependência dos hormônios.⁵

⁴Ver Jung “The Relations”, par 296 ss [ver acima pp xiiis. Referências Abreviadas].

⁵O fato de que esta lei não é válida no desenvolvimento da individuação não deve nos preocupar aqui.

Mesmo quando, em sociedades pré-patriarcais, as crianças do sexo masculino permanecem por longo tempo com os grupos de mulheres e são modeladas por sua *participation mystique*, a experiência de dessemelhança é dada desde o início, ou de qualquer forma, a partir do ponto em que essas crianças percebem as diferenças entre os sexos. Mas não importa como e sob que condições culturais se manifesta o princípio de opostos do princípio Masculino-Feminino. Tampouco tem importância que essa diferença tenha sido interpretada de maneira equivocada e tenha levado a conclusões incorretas devido a preconceitos patriarcais culturalmente condicionados.

Visto que o indivíduo do sexo masculino experiencia a situação primal — identidade com a mãe, o outro Feminino — como identidade com um não, somente numa fase posterior é que a descoberta do Self como indivíduo do sexo masculino,⁶ é atingível, estando como está em oposição ao relacionamento primal. Somente a consecução do desapego do relacionamento primal, e uma atitude objetiva em relação a este último leva à descoberta do Eu masculino e à estabilidade. Quando isso não é conseguido, o indivíduo do sexo masculino permanece preso e castrado no incesto materno e urobórico,⁷ isto é, ele é inautêntico e alienado de si mesmo. Em outra parte, já descrevemos esta situação fundamental e o desenvolvimento que dele emana descritos em mitos nos quais os primeiros estágios do desenvolvimento da consciência eram interpretados como sendo essencialmente o Masculino libertando-se do Feminino, o filho libertando-se da mãe.

⁶Esta descoberta do Self não deve ser confundida com a descoberta do Self da individualidade da segunda metade da vida. Inicialmente parece ser descoberta do ego, mas é o primeiro estágio da descoberta do Self, o qual, na individuação da mulher, chamamos alcançar o Self.

⁷*Origens e história.*

É uma experiência masculina fundamental que o relacionamento primal, a identificação com um tu, acabe sendo “falsa”. Os efeitos duradouros desta experiência aparecem na tendência masculina à objetividade com a confrontação de que isso necessita, na sua tendência a se relacionar somente a partir do mundo distante e consciente do logos, e na sua relutância em se identificar inconscientemente com um tu. Isto leva a um maior grau de isolamento do indivíduo do sexo masculino, mas, igualmente, a uma formação intensificada e uma solidez do ego e da consciência, tudo isso numa certa oposição à psicologia feminina. Sob a forma de medo de relacionamento, esta experiência fundamental está à espreita no pano de fundo de muitas neuroses dos homens.

Visto que a descoberta masculina do Self está vinculada, por sua própria natureza, ao desenvolvimento da consciência e à separação dos sistemas consciente e inconsciente, o ego e a consciência sempre aparecem simbolizados arquetipicamente como masculinos. Isto significa que o indivíduo do sexo masculino identifica seu ego com a consciência e com seu papel arquetipicamente masculino, e se identifica com o desenvolvimento da consciência no decorrer da história humana. Individualmente, ele sobrevive fora do caráter arquetípico do herói e experiencia seu Self somente em sua batalha vitoriosa com o dragão, isto é, o lado natural do inconsciente que se confronta com ele sob a forma de relacionamento primal.

Mas para a mulher o relacionamento primal tem um efeito e uma significação completamente diferentes. Quando a criança — seja ela do sexo masculino ou feminino — se torna consciente do princípio da oposição Masculino-Feminino, sob qualquer forma que ele apareça, o relacionamento primal com a mãe é a própria forma de se relacionar. Mas para a menina, todas as complicações que existem na experiência do menino de ser diferente desapa-

recem. Mesmo que ela “realize seu potencial” como mulher, a identidade com sua mãe no relacionamento primal pode, em grande medida, continuar a existir, e sua descoberta do Self é primária, pois a descoberta do Self e o relacionamento primal, no caso da menina, podem coincidir.

Isto significa que a mulher pode continuar no relacionamento primal, expandir-se nele, e realizar o próprio potencial sem ter de deixar o círculo do uróboro materno e a Grande Mãe. E quando ela permanece neste âmbito é, com certeza, infantil e imatura do ponto de vista do desenvolvimento da consciência, mas não é alienada dela própria. Enquanto numa situação semelhante o homem é “castrado”, isto é, seu ser autêntico lhe é roubado, a mulher simplesmente permanece fixada, firmemente segura a uma forma imatura de seu ser autêntico. Repetidas vezes vemos que, mesmo em meio a uma cultura ocidental, patriarcal, a mulher pode florescer como um todo natural nesta forma não desenvolvida psicologicamente — isto é, sem um desenvolvimento correspondente da consciência — que teria feito um homem fracassar, há muito tempo, na sociedade, e tornar-se neurótico. Esta situação básica, na qual a descoberta do Eu e o relacionamento primal correspondem, dá às mulheres desde o início a vantagem de uma inteireza e completude naturais que os homens não possuem.

O relacionamento mãe-filho/a é o da identificação mútua, e o fato de que a descoberta do Self (na qual a mulher se experiencia como pertencente ao sexo feminino) coincide com o relacionamento primal (no qual ela experiencia a mãe como pertencente ao sexo feminino) leva a um reforço primário de todos esses relacionamentos que passam a existir por meio da identificação. Isto também contrasta com a experiência do indivíduo de sexo masculino, que fundamentalmente prefere uma forma de se relacionar baseada na justaposição.

E se, por um lado, a forma de se relacionar na oposição ou na justaposição é uma forma individual de se relacionar que é moldada naturalmente, por outro as formas naturais de a mulher se relacionar por meio da identificação derivam do vínculo de sangue da gravidez, isto é, do relacionamento primal com a mãe com quem se origina este relacionamento. Por esta razão, o anseio de relacionamentos de identidade acompanha a mulher ao longo de sua vida e dá forma à sua tendência de criar novamente uma situação semelhante. Mas somente como adulta, quando experiencia a gravidez e se torna a portadora de um relacionamento primal com seu filho ou filha, o desejo da mulher com inclinação para o matriarcado chega à realização; e então seu ego, como sujeito, experiencia o contenimento do filho ou filha e a identidade com ele ou ela.

O relacionamento simbólico de Deméter e Coré, cuja significação mitológica foi elucidada por Jung e Kerényi,⁸ caracteriza a fase de conservação do Self na qual o ego feminino permanece preso ao inconsciente materno e ao Self. A importância deste mitologema para a psicologia feminina reside nisto: encontramos aqui uma psicologia matriarcal que determina especificamente o relacionamento da mulher com o Feminino, bem como com o Masculino. Os efeitos deste tipo de fase arquetipicamente dirigida são quase sempre demonstráveis em constelações sociológicas correspondentes, ao passo que ao mesmo tempo governam o comportamento inconsciente da mulher. Consequentemente, em nosso contexto, não importa delimitar a medida na qual as condições psicológicas afetam a situação social, ou vice-versa, como as condições sociais coletivas distantes afetam a psique da mulher.

⁸Jung e Kerényi, *Essays on a Science of Mythology* (B.S. XX II, 1949). [1ª ed. 1941. Os ensaios de Jung foram reeditados em CW 9il.]

É típico desta fase de conservação do Self que psicologicamente, e muitas vezes sociologicamente, a mulher permaneça no grupo das mulheres clã da mãe e mantenha sua continuidade “ascendente” no relacionamento com o grupo de mães e “descendente” com o grupo de filhas. Sua solidariedade com a proximidade das mulheres e do Feminino coincide com sua segregação e seu senso de alienação dos homens e do Masculino.

O irmão exogâmico, com quem o contato é desde muito cedo estritamente dificultado por tabus, assume o papel de autoridade espiritual e de liderança masculina, mesmo se, como no clã exogâmico, ele vive em outro lugar. Por outro lado, o marido proveniente do clã estrangeiro, com quem há um relacionamento sexual, permanece um forasteiro no grupo das mulheres, e em grande medida fica sem direitos nem poderes. O *status* de alienígena deste homem é frequentemente evidenciado pelo caráter de segredo de suas visitas à esposa. O tabu da sogra — isto é, a maneira ansiosa pela qual o marido evita a mãe da esposa — aponta nessa mesma direção. Esse tabu é característico da alienação, e mais, da hostilidade que predomina entre os indivíduos do sexo masculino e do sexo feminino nesta fase. Isso porque, psicologicamente falando, a essência da fase de conservação do Self reside no fato de que o predomínio do elemento materno impede qualquer encontro individual e completo entre homem e mulher, Masculino e Feminino. Uma parte disso é a experiência que a mulher tem do homem e do Masculino como um padrão e um subjugador hostil, ou é idêntica a ela.

A fase de conservação do Self pode durar muito tempo, pois torna possível a existência humana saudável para a mulher e para o grupo. E ainda que esta fase deva ser encarada como positiva, em termos da preservação da vida, tem efeito negativo quando relacionada ao desenvolvimento da consciência, que é dificultado pelo poder

impressionante do inconsciente. Deste ângulo, a Grande Mãe aparece como aterradora e devoradora, não apenas como boa e protetora.

Em termos do desenvolvimento feminino, é claro, a possibilidade de que esta fase de conservação do Self possa durar muito tempo não significa que a mulher já não tenha chegado a um acordo com o Masculino e com os homens com os quais tenha vivido, desde o início, na mais íntima associação.

O fato de que uma mulher casada “moderna” que tem filhos e não parece necessariamente neurótica possa viver na fase de conservação do Self significa que, não perturbada por nenhuma *Auseinandersetzung*, ela existe num estado de ausência de tomada de consciência sobre a vida e sobre o viver com outra pessoa. Nesta fase, tudo lhe parece “óbvio e natural”, o que, muitas vezes indica que ela está repleta de suas próprias ideias a respeito do caráter do Masculino do próprio marido, sem haver experienciado, como ego ou como indivíduo, o Masculino em geral e o marido em particular. Para a mulher, porém, a significação do Masculino transcende de muito seu relacionamento com o parceiro, e uma mulher cujo desenvolvimento está parado na fase de conservação do Self é, de maneira geral, um ser incompleto, mesmo que não se torne neurótica. O relacionamento externo e o relacionamento interno e com o Masculino — isto é, com o homem externo e com o princípio masculino em ação/dentro dela — constituem parte de sua inteireza do mesmo modo que um relacionamento com o Feminino externo e interno no caso do homem.

À parte sua significação para seu próprio desenvolvimento psicológico, a persistência da mulher na fase de conservação do Self tem também consequências negativas para a família dela. Isto porque as “fases” não são fantasmas abstratos de um passado histórico, mas antes

imagens de constelações inconscientes que estão em ação agora, como em épocas anteriores, sendo necessárias ao desenvolvimento da personalidade. Assim, por exemplo, a psicologia matriarcal do clã materno pode ainda ser dominante num casamento ocidental, patriarcal, e o tabu da sogra ainda trai sua vitalidade em incontáveis piadas a respeito da sogra, que expressam o fato de que a mãe da esposa ainda domina a filha e toda a família de aparência patriarcal da filha.

A significação negativa dessa fase encontra expressão um grande número de perturbações do casal, ou, de modo geral, em perturbações do relacionamento da mulher com o Masculino. A alienação em relação aos homens ou a hostilidade para com eles, que nela predomina, muitas vezes a impossibilita para um relacionamento interior com um homem, e torna-se desse modo uma fonte de frigidez, entre outras disfunções.

A restrição do interesse da mulher pelos filhos, que são considerados como o significado correto do casamento, pertence a esta mesma categoria. As doenças neuróticas infantis que surgem por meio desta constelação podem desaparecer nos estágios iniciais, se a mãe se tornar normal.

Mas a psicologia da mulher nesta fase também pode ser determinada por um relacionamento com o homem que é apenas sexual. Isto tem seu protótipo na ênfase no indivíduo fálico do sexo masculino encontrado no matriarcado e na psicologia das “amazonas” que daí decorre. Embora predomine o caráter puramente fálico, desconexo, lascivo, da sexualidade, o mito relata que as amazonas usavam os homens somente a fim de gerar crianças. Nestas constelações, as mulheres preservam a unidade do grupo das amazonas, enquanto se relacionam com o Masculino e com o homem como com algo estrangeiro, em parte hostil, em parte “inteiramente outro”.

Entre os efeitos negativos desta fase, encontramos também uma situação na qual a mulher se experiencia masoquisticamente como sofredora, e consequentemente reduz o homem e o Masculino ao nível de meros sádicos. Muito frequentemente, a constelação arquetípica do matriarcado está por detrás desta espécie de “perversão” que, num sentido mais geral, é característica de um grande número de mulheres. Mas precisamente esse traço “masoquista” torna-se compreensível somente em termos do próximo estágio do desenvolvimento da mulher, que designamos como “a invasão do uróboro patriarcal”.

Neste nível, ainda prevalece a situação original, urobórica. Mas a intenção da acentuação do elemento masculino-patriarcal na expressão uróboro “patriarcal” é frisar que aqui se trata de uma questão de desenvolvimento na direção do patriarcado. Ora, a situação urobórica será superada e emerge o arquétipo do Grande Pai. No matriarcado — isto é, sob a hegemonia da Grande Mãe — o Masculino somente pode ser experienciado numa forma diminuída. O matriarcado vê o lado masculino do uróboro, que evidentemente é bissexual, como parte da Grande Mãe, como seu instrumento, auxiliar e satélite. O indivíduo do sexo masculino é amado enquanto criança e enquanto jovem, e usado como seu instrumento de fertilidade, mas continua integrado no Feminino e subordinado a ele, e seu ser masculino autêntico e seu caráter singular nunca são reconhecidos.⁹

Com a invasão do uróboro paterno, porém, algo completamente novo acontece com a mulher. Ela é tomada pelo poder desconhecido, avassalador, que ela experiencia como numinoso informe. Na história do desenvolvimento da consciência, o encontro com uma força anônima deste tipo é sempre uma experiência dos limites do ego,

experiência essa encontrada não somente entre povos primitivos, mas também entre pessoas de consciência desenvolvida, por exemplo na sua experiência de misticismo¹⁰ e de individuação. A experiência que o ego faz de seus limites, portanto, não significa somente que um ego primitivo, facilmente dissolvido, encontrou o numinoso na semelhança de sua própria falta de forma. Em fases de transição e em situações que transformam a personalidade — sempre que uma nova situação arquetípica é constelada e seja por quaisquer razões for — o arquétipo, como algo numinoso e indefinido, anônimo e transpessoal se confronta de maneira avassaladora com a consciência do ego. A consciência primeiramente reage, tanto na situação individual como no desenvolvimento coletivo, sentindo-se sobrepujada e derrotada. Só gradualmente é que ela cria novas formas de adaptação ao arquétipo que, no nível subjetivo, conduzem ao desenvolvimento, ao enriquecimento e extensão da consciência, e daí ao nível objetivo manifestam-se em fenótipos ou encarnações do numinoso cada vez mais diferenciados.

E assim o poder avassalador não apenas do numinoso anônimo, mas também dos numina e do nume, da divindade com uma figura masculina, pertence ao estágio urobórico paternal. Esse desdobramento começa no matriarcado com o aparecimento de grupos pluralistas de poder de caráter masculino, demoníaco, tais como os cabiros, os sátiros e os dáctilos, cuja multiplicidade ainda trai seu anonimato e sua numinosidade sem forma. Eles são seguidos por figuras de deuses fálico-ctônicos, que na verdade ainda são subordinados à Grande Mãe (como eram na Grécia, por exemplo, Pã, Posêidon, Hades e o

¹⁰Cf. Neumann, *Kulturentwicklung und Religion* (U. d. M., vol I, 1953). Inclui “Mystical Man”, Ej 1948 (trad. in PEY, vol. 6), “The Psychological Meaning of Rituals”, Ej 1950 e “The Mythical Word and the Individual”, Ej 1949 (trad. de R. T. Jacobson in *Quadrant* 14[1981]).

⁹Cf. Neumann, *Origens e história, e The Great Mother*.

Zeus ctônico), mas que as mulheres podem experienciar como o uróboro patriarcal. Divindades típicas que aparecem como uróboro patriarcais são Dioniso e Wotan, assim como Osíris e, em outro nível cultural, Shiva, cuja forma transpessoal está envolvida por um anonimato palpável. Não apenas a maioria dessas figuras é venerada orgiasticamente como deuses da fertilidade, mas nos relacionamentos emocionais e extasiados da mulher ela experiencia as profundezas inimagináveis da própria natureza.

Para a mulher, a invasão pelo uróboro paterno corresponde a uma experiência inebriante de ser dominada, de ser tomada por um “penetrador arrebatador” que ela não experiencia pessoalmente em relação a um homem concreto, nem projetada nele, mas sim como um nume transpessoal, anônimo. A impessoalidade e o fato de se sentir dominada, indefesa, são constituintes essenciais da experiência neste estágio.

Na mitologia, encontramos este estágio representado nos relacionamentos da “virgem” matriarcal não com seu marido, mas com um deus que a domina, ora como nuvem ou vento, como chuva ou raio, ouro, lua, sol, e assim por diante, ou então como um falo numinoso em forma animal que penetra nela, seja como serpente ou pássaro, como touro, bode, cavalo etc. Realmente, incondicionado como é por qualquer coisa proveniente do mundo externo, o caráter arquetípico da experiência nesta fase é tão claro que devemos perguntar diante de qual experiência interior estamos aqui. Forças interiores inconscientes e conteúdos transpessoais cuja carga de energia excede grandemente a da consciência da mulher irrompem na personalidade com o surgimento do uróboro paterno. Porque o poder do inconsciente penetra e domina, a mulher o experiencia como algo Masculino que a arreбата, a toma, a traspassa e a transporta para

além de si mesma. Por conseguinte, o movimento do inconsciente sempre é percebido como numinoso e criativo, pois sua invasão “frutifica” e modifica a personalidade da qual se apossa.¹¹

Esta experiência pleromática — pleromática porque uma divindade numinosa é experienciada em sua indeterminação informe, mesmo quando transitoriamente pode assumir alguma forma — enche a mulher de medo mortal. Um símbolo óbvio deste fato é o mitologema da morte-matrimônio, na qual a energia masculina como assaltante e raptor pode se tornar Hades, o deus da morte que rapta a mulher, como Coré, e a leva para seu reino.

Associado a esta enorme e arrebatadora presença ou força masculina, está o sentimento transpessoal de inadequação da mulher — isto é, um sentimento de inferioridade que tem aqui sua base impessoal arquetípica. Diante do Masculino, a mulher sente-se por demais pequena. Compreensivelmente, é como medo que ela experiencia sua incapacidade de conter dentro de si o falo inteiro da divindade.

Encontramos o Masculino como serpente, dragão e monstro em um grande número de ansiedades sexuais e comportamentos neuróticos da mulher que dificultam seu relacionamento com os homens. Entretanto, na entrega feminina de aceitação desta situação, e ao se deixar dominar, a mulher é levada à vitória sobre o medo, e sua ansiedade é transformada em embriaguez e orgasmo. Nesta transformação (cuja significação podemos apenas mencionar de passagem aqui), a figura de dragão do uróboro paterno assume, por exemplo, a aparência de

¹¹Não podemos entrar aqui na discussão da experiência da anima no indivíduo do sexo masculino, a qual, no caso de um homem criativo e religioso, é completamente análoga à experiência da mulher.

um deus, e a afirmação de Heráclito prova que Dioniso e Hades são uma única e mesma figura nos mistérios.¹²

Tomada de profunda e total emoção pelo Masculino, a mulher supera o estágio de conservação do Self e chega a uma nova fase de sua experiência, a da entrega do Self. Muito embora também seja expressa por meio do corpo, sua profunda emoção orgiástica tem um caráter espiritual. Mas este caráter espiritual nada tem a ver com a lógica abstrata do espírito masculino, patriarcal; pertence a uma forma específica, feminina, de experiência espiritual que é muitas vezes associada ao símbolo da lua na mitologia.¹³

A conexão entre emoção espiritual e orgasmo físico é ainda expressa na mulher moderna; sua comoção espiritual pode ser tão intensa, por exemplo, com música, que ela pode atingir o orgasmo, e seu “entendimento” dos conteúdos espirituais pode estar ligado a sensações físicas. Isto significa que, falando simbolicamente, ela não entende com a cabeça, mas com o corpo inteiro; para ela, processos espiritual-emocionais e físicos estão unidos, de maneira bastante estranha para o homem mediano.¹⁴

Mas a relação com o uróboro patriarcal tem também efeitos negativos se a mulher fica presa nele. Em contraste com o estágio de “conservação do Self” no qual a mulher não experienciava o Masculino em sua autenticidade, o elemento novo nesta fase é a qualidade avassaladora do Masculino. Onde uma consciência do sexo masculino exige-

¹²Heráclito de Éfeso, fr. 15, in K. Freemann, *Ancilla to the Pre-Socratic Philosophers*, 1948.

¹³Ver abaixo, Ensaio II, “A Lua e a Consciência Matriarcal”.

¹⁴Por outro lado, muitas evidências atestam que, tanto para o bem como para o mal, a pessoa criativa é mais agudamente consciente de sua dependência do corpo do que a pessoa comum. Não há dúvida de que isso se deve a um maior grau de sensibilidade e a uma consciência mais aguda de processos intimamente ligados. Mas, mesmo aqui, consistente com seu desenvolvimento, a consciência patriarcal tem tendência a começar como se fosse livre e a negar sua dependência de processos do inconsciente e do corpo.

ria que a experiência fizesse seu efeito, por exemplo como “assimilação dos conteúdos que invadem a consciência”, para a mulher, tanto o caráter arrebatador do acontecimento como o processo de trabalhar sua experiência do fato tornam-se mais difíceis para ela, pois o Masculino permanece numinoso, anônimo e transpessoal.

Uma tendência humana que trabalha inconscientemente rumo à formação da personalidade, que chamamos de “centraversão”,¹⁵ força a mulher — assim como força o homem — a passar por todas as fases necessárias ao desenvolvimento individual. E demorar-se em uma fase que deve ser atravessada significa uma regressão no que diz respeito ao desenvolvimento da personalidade.

As figuras positivas e negativas do uróboro patriarcal proporcionam um dos motivos essenciais de problemas que, no nível pessoal, a psicanálise descreveu como a experiência feminina do complexo de Édipo. Mas, frequentemente, o complexo de Édipo é apenas “secundariamente personalizado”,¹⁶ vale dizer, e a expressão do primeiro plano de uma constelação arquetípica. Frequentemente a relação com o uróboro patriarcal está por detrás da fantasia do incesto com o pai pessoal, mas a imagem arquetípica com a qual a mulher experiencia a ligação vai além dos traços do pai pessoal, e muitas vezes os exclui completamente. Mas ser mantida cativa pelo uróboro patriarcal — como uma constelação arquetípica — não se restringe à psique da criança; pelo contrário, permanece um problema contínuo também para a mulher adulta que não superou esse estágio.

Uma das formas características pelas quais o uróboro patriarcal atua como um perigo — mas absolutamente não o único — é o do espírito-pai fascinante. As ações desta

¹⁵*Origens e história*, Index, s. v. centroversão.

¹⁶*Ibid.*, s. v. complexo de Édipo.

forma fazem uma constelação da figura da “filha do pai eterno”, isto é, uma mulher que, como virgem, permanece vinculada ao espírito-pai sob forma visível ou invisível. A mulher como profetiza e como freira, como “gênio” ou “anjo” pode ser uma expressão de sua fixação nesta fase arquetípica na qual ela se relaciona por meio de uma conexão intuitiva a uma força espiritual transpessoal, cuja magnitude transpessoal aparece quer dentro de uma estrutura religiosa como a divindade, quer personalizada como o grande homem poeta, visionário, poeta etc., a quem a mulher está vinculada. Neste caso ela vive como a “anima” do homem, isto é, como sua inspiradora, e consequentemente pode perder o direito à vida pessoal, que também tem qualidades terrenas, maternais e outras que deveriam ser desenvolvidas. Ela “vive acima de seus meios” e é inflada;¹⁷ é identificada com uma figura arquetípica feminina que excede de muito seus limites meramente humanos e que, como Sophia, é a parceira do Espírito-Pai. Uma variante desta constelação é a “mulher sem sombra”¹⁸ que é infecunda porque se desligou de seu lado terreno, de seu lado sombra.

A constelação permanece um componente intoxicante no relacionamento da mulher pequena com o grande indivíduo do sexo masculino, e portanto uma certa infantilidade e um certo sentimento de filha nunca é superado. Quando o cativo intuitivo no uróboro patriarcal leva à perda da terra — isto é, a uma perda do relacionamento com a realidade concreta — o Espírito-Pai frequentemente aparece como um feiticeiro que fascina negativamente a mulher e a mantém prisioneira. Simultaneamente, porém, a hostilidade da Grande Mãe faz uma aliança

com o cativo da mulher no uróboro patriarcal e com a concomitante perda de sua conexão com a terra.

O desenvolvimento necessário do estágio de conservação do Self, vinculado à mãe, para a entrega do Self ao uróboro patriarcal inclui também um curto grau de hostilidade para com a mãe, pois a transição para uma nova fase sempre tem de lutar com a resistência da fase a ser superada, uma resistência determinada pela inércia da psique. Consequentemente, o poder tenaz da mãe, que agora parece terrível, trabalha contra a transição para o uróboro patriarcal. Mas, como todas as resistências correspondentes que surgem em virtude do arquétipo da fase a ser superada, isto não conduz à doença, e sim ao conflito. Todavia, se uma fixação caracterizada pelo predomínio do uróboro patriarcal se desenvolver nesta fase, aparece agora, juntamente com a figura negativa do pai como feiticeiro, também uma forma negativa da Grande Mãe, que se vinga da traição da filha. A figura da Grande Mãe regrida à bruxa mitológica que, por exemplo, em contos de fada, lança um encantamento na filha e a aprisiona.

Na fase da conservação do Self, a mulher pode funcionar plenamente de maneira feminina e natural, dominada pelo vínculo com a mãe, com o inconsciente e o corpo. Com a invasão do uróboro patriarcal, ela entra não somente numa nova fase de experienciar a si mesma como mulher, mas chega à experiência do espírito. Mas, caso se enquadre no uróboro patriarcal, torna-se possuída pelo espírito, e tão alienada de si mesma que perde até mesmo seu relacionamento físico com sua feminilidade.

Para a mulher, o vínculo positivo com a Grande Mãe também é sempre o pré-requisito psicológico para se tornar mãe, ser fértil e ter um relacionamento saudável com o próprio corpo e com a terra. Por outro lado, afastar-se da Grande Mãe leva à incapacidade de desenvolver as qualidades maternais e frutíferas de sua natureza

¹⁷Jung, “As Relações”.

¹⁸Ver Hugo von Hofmannsthal, *Die Frau ohne Schatten* 1919, libreto, mais tarde reescrito como narrativa em prosa.

feminina, e, conseqüentemente, aos sintomas típicos de histeria de afastamento do corpo, e de fato, até mesmo de esterilidade.

Frequentemente a possessão neurótica da mulher pelo animus é a expressão de sua incapacidade de diferenciar entre o Self e o Masculino. A mulher torna-se vítima de sua tendência à identificação e se aliena da sua própria natureza ao superdesenvolver o lado masculino, o lado do animus. Esta identificação com o espiritual e o Masculino pode encontrar expressão em conflitos verdadeiramente trágicos. Ao se identificar com o Masculino transpessoal que toma o lugar da entrega e devoção autêntica, a mulher abdica da própria natureza de terra,¹⁹ e torna-se, desse modo, uma vítima indefesa dos poderes masculinos. Este perigo, que pode até levar à psicose, é também ocasionado pelo fato de que na sua entrega extrema ao Self, a mulher nunca chega ao ponto de assimilar o lado masculino que vive não somente em seu parceiro, mas também na sua própria psique, e, conseqüentemente, nunca desenvolve uma personalidade autônoma de direito próprio.

A natureza concedeu o apogeu ao mistério do feminino no relacionamento primal e na gravidez, um apogeu que ocasionalmente acontece mesmo sem consciência e mesmo que não seja expresso em ritual; o mistério masculino é o feito e algo a ser merecido.²⁰

Muito embora a descoberta do Self da mulher como feminino seja uma condição original em contraste com a experiência masculina, a mulher que quer se tornar consciente deve também chegar à experiência da alteridade e dissolver sua totalidade original. Caso contrário, continu-

¹⁹Nesta acepção, considerar o problema do “espírito negativo” em meu “The Mythical Word and the Individual” (ver acima, n.10).

²⁰*Origens e história*, especialmente a primeira parte “Os Estágios Mitológicos da Evolução da Consciência”.

aria a ser “apenas” ela mesma, e nunca experienciaria o masculino, o lado consciente de sua personalidade, e seu desenvolvimento humano.

Quando falamos de consciência, queremos dizer uma consciência centralizada no ego e amplamente separada do inconsciente, cujo desenvolvimento arquetipicamente masculino, independente, apresentamos em outra parte. Mas sua forma — que tem se manifestado na consciência patriarcal, a base do pensamento científico ocidental — é um caso extremo. Ao lado dela, encontramos transições vivas entre o inconsciente e o consciente tais como a consciência matriarcal, especialmente característica para as mulheres.²¹

Para as mulheres, o relacionamento com o todo normalmente nunca é completamente substituído pela capacidade de relação consciente. Além de identificar seu ego com o ponto médio da consciência, a mulher sempre experiencia o Self do sexo feminino — que representa um ponto de vista que engloba a totalidade da psique — como poderoso e convincente num nível de sensação, ao passo que o indivíduo do sexo masculino identifica mais plenamente o ego à consciência e sua percepção do relacionamento primal recai em grande parte no inconsciente.

Conseqüentemente, a tendência masculina leva da dissolução dos vínculos do relacionamento primal a um estabelecimento do Masculino arquetípico como o elemento autêntico dele. Por contraste, o desenvolvimento feminino, ao se afastar do relacionamento primal, rumo à consciência, ocorre inicialmente por meio do “Tu” do sexo masculino, que desempenha o papel de consciência redentora para a mulher, quer seja experienciada de maneira impessoal ou transpessoal, interna ou externamente.

²¹Ver abaixo, ensaio II.

Portanto, na vida da mulher, o relacionamento com o Masculino é decisivo, mas de um modo diferente do relacionamento do homem com o Feminino. Com exceção de certas vicissitudes modernas, o desenvolvimento da mulher e sua assimilação à cultura estão muito intimamente ligados ao Masculino arquetípico. A filiação à forma patriarcal de nossa cultura permitiu que a mulher se separasse do estado natural no relacionamento primal e levou a seu relacionamento com o Masculino como pai e marido, animus e guia.

Exagerando: para a mulher, o Masculino caracteristicamente impele para diante; para o homem, as características do Feminino retêm. (Ambos encontram expressão no processo de individuação na segunda metade da vida.) Para a mulher, o Masculino significa redenção da consciência. A carência aparentemente maior da mulher no relacionamento com um homem e com o Masculino, e a independência aparentemente maior do homem para com a mulher e o Feminino estão relacionados com esta situação básica, mesmo se a projeção do Masculino da mulher sobre um homem desempenha um papel mais importante no desenvolvimento de sua consciência do que o próprio homem.

Embora a consciência da mulher seja diferente, em natureza e ênfase da consciência do homem, a mulher é forçada à alienação do Self a serviço do desenvolvimento da consciência. É compelida a desenvolver também o lado Masculino, sem o que não é possível a realização cultural.²²

No protótipo mitológico de processos psicológicos, a libertação do Feminino em relação ao poder do uróboro

patriarcal é tarefa do herói, que deve resgatar do dragão a virgem capturada. Em contraste com o uróboro patriarcal, o Masculino arquetípico agora aparece sob forma individual e pessoal, conduz o Feminino — como mulher ou como anima libertada dos poderes do uróboro paterno e materno — ao seu próprio domínio, o domínio do patriarcado.

Além dos incontáveis exemplos dos contos de fada de todos os povos, encontramos esta constelação mitológica, por exemplo, na história da vitória de Perseu sobre o dragão e na história da libertação de Andrômeda ou na libertação de Brunilda por Sigeufredo. No último caso, o poder impressionante é caracterizado por dois símbolos. Um é Wotan, que como uróboro patriarcal fascina sua prisioneira; o outro é o *Haberlohe*, o muro de chamas, que, como círculo urobórico, cerca Brunilda adormecida, e que o herói deve transpor.

O herói, o Masculino libertador, é tanto uma força “externa” como uma força “interna”. Isto significa que o processo pode percorrer um trajeto no qual um homem e parceiro “verdadeiro” assume o papel libertador da luz da consciência e dissolve a velha forma de cativo no inconsciente ou, como alternativa, pode ser um Masculino “interior”, uma força de consciência na própria mulher, cujo ato de libertação tem êxito. Normalmente, ambos acontecem de modo simultâneo, na medida em que a própria qualidade interior da mulher de consciência arquetipicamente masculina é projetada primeiramente sobre um homem externo. Mas em qualquer caso, para o ego da mulher este “agente” masculino aparece como algo “externo”, “mais forte” e independentemente autônomo. O ego feminino tem a absoluta, e em certo sentido, correta, convicção de que não pode realizar este ato com a força do “próprio ego”, e de que depende da ajuda do poder Masculino arquetípico para a “abrir” psiquicamente na

²²Jung, “As Relações”; Emma Jung, “On the Nature of the Animus”, in *Animus and Anima* (Analytical Psychological Club of New York, 1957); M. Esther Harding, *The Way of all Women* (New York, 1933).

morte-matrimônio com o uróboro patriarcal e fisicamente no seu casamento real com um homem, de modo que também a sua libertação para a consciência está presa à pessoa do herói. Somente em formas posteriores e mais elevadas de desenvolvimento é que esta força arquetipicamente masculina pode ser experienciada e conhecida pelo que é, como algo interior, a tal ponto que a mulher atinge a “autonomia”, isto é, uma relativa independência de seu parceiro externo.²³

Na transição da fase do uróboro patriarcal para a do patriarcado, o herói masculino parece portanto ser necessário e um passo à frente para o desenvolvimento da consciência. O desenvolvimento da consciência apresentado em *As origens e a história da consciência* ocorre dentro de uma tensão de opostos criada pelo ego e pelo inconsciente, por cujo intermédio o ego pode se fortalecer, o sistema consciente pode ser formado, e a esfera pessoal pode ser delimitada da esfera impessoal. É por esse motivo que neste confronto há uma desvalorização do Feminino arquetípico, o qual, do ponto de vista masculino, parece estar vinculado e identificado aos poderes do inconsciente. O desdobramento patriarcal da mitologia da lua para a mitologia do sol — assim como a mudança de posição do Feminino como deusa por meio de quem a terra e a fertilidade das coisas vivas estão abrigadas, para a outra, como esposa, que governa somente o mais estreito círculo familiar, bem como a mudança, do predomínio do indivíduo do sexo feminino no grupo, para o Estado masculino — não pode ser conseguido a menos que o Masculino acentue negativamente o Feminino.

Mitologicamente este processo corresponde à fase da batalha entre o herói e o monstro devorador urobórico; sociológica e politicamente, é expressa no desenvolvimento

de uma cultura patriarcal e leva, no desdobramento do relacionamento entre homens e mulheres, ao casamento patriarcal como a base da família e da vida patriarcal.

A linha patriarcal do desenvolvimento da consciência leva a uma condição na qual os valores masculino-patriarcais são dominantes, valores esses frequentemente concebidos em oposição direta aos do Feminino arquetípico e do inconsciente. Este desenvolvimento, dirigido pelo cânone cultural arquetipicamente condicionado e impresso no desenvolvimento de cada criança nas culturas ocidentais, leva à separação entre consciência e inconsciente, à evolução do sistema consciente independente com um ego masculino como seu centro, à supressão do inconsciente e a sua maior repressão possível do campo de visão do ego.

Estamos empregando “patriarcal” e “matriarcal” como termos psicológicos que devem ser aplicados apenas secundariamente a condições políticas, esferas de influência etc. Por conseguinte, uma cultura “patriarcal” e seus valores estão em oposição aos valores e atitudes válidos para uma consciência “matriarcal”, que é, ela própria, uma forma “primária” de toda consciência e cuja representante preferida é a mulher. Neste sentido, é um passo à frente no desenvolvimento quando uma consciência patriarcal substitui uma consciência matriarcal. Mas quando se sabe das fraquezas e perigos psicológicos da cultura patriarcal, cuja forma extremada no Ocidente contemporâneo levou a uma crise que colocou em perigo a humanidade inteira, se evitará o erro de encarar a “consciência matriarcal” como apenas um legado arcaico e o Feminino arquetípico como “relativamente não desenvolvido”.

Entretanto, podemos penetrar o complexo problema da consciência ocidental moderna na sua forma patriarcal somente quando tivermos reconhecido a necessidade do desenvolvimento da consciência ao “extremo patriarcal”

²³Ver abaixo, pp 57s.

e sua oposição à consciência matriarcal. Somente então podemos também captar a significação daquilo que, simbolicamente descrito como psicologia “masculina” e “feminina”, determina o desenvolvimento normal, bem como o anormal, de pessoas modernas de ambos os sexos.

Como discutimos no ensaio seguinte, para a mulher a figura central da consciência matriarcal é o uróboro patriarcal como lua que a compele à entrega do Self, isto é, à sua renúncia à conservação do Self no relacionamento primal com a mãe. Mas enquanto esta entrega do Self traz a mulher à sua própria experiência de um nível profundo do Feminino, “a libertação da cativa pelo herói”, a libertação do domínio do uróboro patriarcal pelo homem, coloca novamente em perigo sua essência, apesar de ser um desenvolvimento necessário. Este é o perigo da perda do Self.

Independentemente de o patriarcado ser primitivo ou altamente civilizado, quando a mulher é integrada nele e subordinada aos seus valores, o indivíduo do sexo masculino torna-se para ela o representante da consciência e do desenvolvimento da consciência. Isso dá ao homem uma preponderância psicológica que determina o “fenótipo”²⁴ do casamento patriarcal tanto quanto determina o lugar da mulher na vida.

O casamento na era patriarcal, que, em nome da brevidade chamaremos “casamento patriarcal”, engloba inúmeras situações psíquicas nas quais os sexos se relacionam entre si. Sob a falsa aparência de formas patriarcais, uma multidão de complicações emocionais está escondida nesses casamentos, complicações essas que se encontram na raiz de um grande número de dificuldades modernas no casamento e na criação dos filhos.

²⁴Neste contexto, fenótipo refere-se à aparência exterior, em contraste com “genótipo” que designa a verdadeira estrutura psíquica.

O fato de que as variedades do casamento patriarcal vêm preservando sua forma há milênios prova que, de certa maneira, oferecem modos de vida emocionalmente viáveis tanto para homens como para mulheres. Muito embora o casamento patriarcal represente um perigo considerável para o desenvolvimento da mulher, as chances que ela tem de realizar suas necessidades interiores dentro dele — mesmo que secretamente — são suficientemente grandes. Por esta razão, a forma patriarcal de casamento não foi obviamente abalada até os tempos modernos. Com bastante frequência, porém, acontece que, examinado mais de perto, vemos que a aparência patriarcal constitui apenas a forma externa, por assim dizer, a *persona*, de um casamento por detrás do qual estão ocultas formas de relacionamento marital que se desviam do patriarcado ou se opõem diretamente a ele.

O casamento patriarcal é uma solução coletiva na qual o homem e a mulher, o Masculino e o Feminino, se unem num estado no qual cada um ampara o outro, de modo que conseguem uma simbiose que constitui a coluna vertebral da cultura patriarcal. A preservação desta instituição mais transpessoal — isto é, a da cultura patriarcal, e a segurança do indivíduo nela inserido — ergue-se como um significado transpessoal acima do relacionamento das partes envolvidas. Mitologicamente, a estabilidade da cultura patriarcal está refletida no relacionamento do céu e da terra em sua interdependência mútua, cuja certeza serve de garantia para a existência continuada do mundo. Espera-se que os parceiros no casamento correspondam a esta constelação: o homem simboliza o céu ou o paraíso e a mulher, a terra, como não apenas o mito, mas também o rito revelam claramente em inúmeros costumes referentes ao casamento. A fim de fazer esta identificação simbólica, ambos os parceiros devem renunciar à sua bissexualidade psicológica natural,

cuja existência em versões modernas é mostrada, entre outras coisas, pelo fato de que o lado feminino do homem se constela como anima, e o lado masculino da mulher, como animus.²⁵ A identificação do indivíduo do sexo masculino com a estrutura da consciência e do ego, que deixa seu lado feminino inconsciente, facilita psicologicamente esta espécie de unilateralidade.

A conexão do homem com a mulher é agora determinada de maneira característica: a consciência *puramente masculina* dele se relaciona somente com a feminilidade da mulher em quem ele projeta sua feminilidade inconsciente sob a forma de anima. Do mesmo modo, a mulher se relaciona conscientemente como *puramente feminina* com a masculinidade do homem e projeta nele seu próprio lado masculino inconsciente sob a forma de animus. O fato de esta divisão de papéis aparecer no mito significa que o cânone cultural patriarcal, segundo o qual todo menino e toda menina são criados, coloca numa posição central e dá uma honra especial a esta limitada amplitude dos modos possíveis de relacionamento. Este alicerce sagrado, arquetípico, confere às instituições sociais erigidas de acordo com ele a inviolabilidade óbvia necessária à sua existência contínua. Isso significa que um homem “feminino” e uma mulher “masculina” — contrários à verdadeira estrutura psíquica de um sem número de indivíduos — são agora vistos como formas repulsivas de existência humana que são suprimidas logo de início, e esses indivíduos lutam para esconder o melhor que podem suas próprias naturezas desviantes.

O resultado desta situação coletiva é uma polarização do Masculino e do Feminino, homem e mulher, que parece criar uma situação inequívoca. Este caráter inequívoco conduz à sensação de segurança que diz respeito

²⁵Jung, “As Relações”.

à orientação da consciência na cultura patriarcal, na qual Masculino = homem e Feminino = mulher, e que exige como seu ideal que homem e mulher se identifiquem em termos desta inequivocabilidade.

Esta estrutura simbiótica constitui o fundamento da família e da cultura patriarcal, pois garante não apenas segurança e inequivocabilidade, mas também uma tensão inerentemente fértil dos opostos entre Masculino e Feminino, homem e mulher. Entretanto, graças a esta situação coletiva que parece ter sido originalmente suportável para um número relativamente grande de pessoas, todos estes componentes da natureza “bissexual” do indivíduo que não correspondem ao tipo ideal requerido são reprimidos ou suprimidos. Mas isto significa que todos estes componentes geram uma crescente tensão no inconsciente e, de modo semelhante, aos elementos de sombra reprimidos pela moralidade predominante²⁶ constituem as “reservas” psíquicas potenciais que, caoticamente, dão forma aos acontecimentos em tempos de tumulto e revolução.²⁷

Quando, porém, um grande número de pessoas já se desenvolveu em direção à individuação, a tal ponto que já não pode suprimir o caráter “equivoco” de sua natureza humana em favor de um ideal coletivo baseado no arquétipo, acontece uma crise no casamento patriarcal e na estrutura patriarcal da cultura.

Mas, em qualquer caso, a simbiose cultural do casamento patriarcal atua de maneira muito menos favorável para o Feminino e as mulheres do que para o Masculino e

²⁶Newmann, *Depth Psychology and a New Ethic*.

²⁷O papel significativo que homens e mulheres “perversos” desempenham em revoluções, insurreições etc., deriva destes tipos na periferia da sociedade patriarcal, seus companheiros de viagem com grande reserva de poderes suprimida. Inumeráveis exemplos podem ser encontrados nas Revoluções Francesa, Nazista e Russa. Evidentemente, não deixaríamos de reconhecer o caráter muitas vezes heroico e positivo do revolucionário por esta razão.

os homens. Em virtude da circunstância de as mulheres serem compelidas a abraçar uma feminilidade inequívoca, enquanto os valores da consciência numa cultura patriarcal são masculinos, elas permanecem não desenvolvidas neste âmbito e dependem da ajuda dos homens. Mas é por isso que os homens se consideram superiores e veem as mulheres como inferiores.

Os efeitos negativos do patriarcado para o Feminino e para as mulheres constituem um círculo vicioso no qual os homens (forçosamente) limitam as mulheres ao campo estritamente feminino, mas com isso a impossibilitam de participar autenticamente da cultura patriarcal e a obrigam a aceitar um papel no qual ela é considerada segunda colocada e inferior. Mas os homens baseiam sua justificação da desvalorização da mulher e do Feminino, e as mulheres baseiam sua suposta “inferioridade natural” no fato de que esta atitude coloca a mulher em um papel no qual o homem tem de tratá-la como se ela fosse uma sua filha menor de idade. Uma situação destas não pode ter senão consequências catastróficas para a criança do sexo feminino, que tem de acabar aceitando estes valores patriarcais, bem como a desvalorização de seu próprio Eu. A oração matinal diária do judeu que agradece a Deus por não ter nascido mulher, assim como a psicologia de Freud, baseada na “inveja do pênis”, são expressões extremadas desta situação patriarcal e do perigo ao qual o Feminino e as mulheres estão expostos na simbiose cultural do patriarcado.

Mas onde esta simbiose de fato atua e a mulher no patriarcado suprime a própria natureza ou renuncia a ela, a mulher torna-se prisioneira e seu casamento acaba por ficar semelhante a um harém. Psicologicamente, isto significa que, neste tipo de casamento, não apenas sua consciência patriarcal continua não desenvolvida, mas também que ela renuncia à consciência matriarcal

que lhe é específica como mulher, pois não corresponde aos valores patriarcais, ou se opõe a eles. A identificação com os valores patriarcais que ela não adquiriu por esforço próprio, mas apenas repete como um papagaio, leva a uma indolência e a uma danificação da consciência e coloca em risco o desenvolvimento psicológico da mulher. Ela continua numa forma de psicologia “filial” sob o protetorado do patriarcado, uma forma na qual o indivíduo do sexo masculino carrega a projeção do arquétipo do Pai, e a mulher permanece subordinada a ele, infantil e filial.

A despeito de estar correndo risco, esta mulher filial não é a pessoa criativa que emergiu no relacionamento com o uróboro patriarcal. No mundo patriarcal, os homens e o Masculino atribuem a si próprios as qualidades paternas e maternas; o homem dá segurança à mulher; ele é não apenas o gerador e portador do espírito ou da consciência, mas também o protetor e o provedor.

É desse modo que a esposa patriarcal sofre a limitação, na verdade, a atrofia do Feminino. Deixar para trás os estágios anteriores — relacionamento primal com a Grande Mãe, que constituiu a base do senso feminino do Eu, e o uróboro patriarcal, que estabeleceu o relacionamento dela com o campo transpessoal — é significativo na medida que garantir a interação viva, dinâmica, de forças que constituem o desenvolvimento progressivo. Mas fazer da mulher uma prisioneira do patriarcado detém o desenvolvimento ulterior. Sua vida e seus interesses são reduzidos àquilo que é meramente pessoal, de fato, ao mais estreito campo material; e agora, repetindo como um papagaio as palavras dos homens, surge uma psicologia do “animus”, um sintoma de que ela caiu sob o poder do homem e do Masculino, que indica deterioração, em lugar do poder gerador matriarcal inerente ao Feminino e à mulher.

os homens. Em virtude da circunstância de as mulheres serem compelidas a abraçar uma feminilidade inequívoca, enquanto os valores da consciência numa cultura patriarcal são masculinos, elas permanecem não desenvolvidas neste âmbito e dependem da ajuda dos homens. Mas é por isso que os homens se consideram superiores e veem as mulheres como inferiores.

Os efeitos negativos do patriarcado para o Feminino e para as mulheres constituem um círculo vicioso no qual os homens (forçosamente) limitam as mulheres ao campo estritamente feminino, mas com isso a impossibilitam de participar autenticamente da cultura patriarcal e a obrigam a aceitar um papel no qual ela é considerada segunda colocada e inferior. Mas os homens baseiam sua justificação da desvalorização da mulher e do Feminino, e as mulheres baseiam sua suposta “inferioridade natural” no fato de que esta atitude coloca a mulher em um papel no qual o homem tem de tratá-la como se ela fosse uma sua filha menor de idade. Uma situação destas não pode ter senão consequências catastróficas para a criança do sexo feminino, que tem de acabar aceitando estes valores patriarcais, bem como a desvalorização de seu próprio Eu. A oração matinal diária do judeu que agradece a Deus por não ter nascido mulher, assim como a psicologia de Freud, baseada na “inveja do pênis”, são expressões extremadas desta situação patriarcal e do perigo ao qual o Feminino e as mulheres estão expostos na simbiose cultural do patriarcado.

Mas onde esta simbiose de fato atua e a mulher no patriarcado suprime a própria natureza ou renuncia a ela, a mulher torna-se prisioneira e seu casamento acaba por ficar semelhante a um harém. Psicologicamente, isto significa que, neste tipo de casamento, não apenas sua consciência patriarcal continua não desenvolvida, mas também que ela renuncia à consciência matriarcal

que lhe é específica como mulher, pois não corresponde aos valores patriarcais, ou se opõe a eles. A identificação com os valores patriarcais que ela não adquiriu por esforço próprio, mas apenas repete como um papagaio, leva a uma indolência e a uma danificação da consciência e coloca em risco o desenvolvimento psicológico da mulher. Ela continua numa forma de psicologia “filial” sob o protetorado do patriarcado, uma forma na qual o indivíduo do sexo masculino carrega a projeção do arquétipo do Pai, e a mulher permanece subordinada a ele, infantil e filial.

A despeito de estar correndo risco, esta mulher filial não é a pessoa criativa que emergiu no relacionamento com o uróboro patriarcal. No mundo patriarcal, os homens e o Masculino atribuem a si próprios as qualidades paternas e maternas; o homem dá segurança à mulher; ele é não apenas o gerador e portador do espírito ou da consciência, mas também o protetor e o provedor.

É desse modo que a esposa patriarcal sofre a limitação, na verdade, a atrofia do Feminino. Deixar para trás os estágios anteriores — relacionamento primal com a Grande Mãe, que constituiu a base do senso feminino do Eu, e o uróboro patriarcal, que estabeleceu o relacionamento dela com o campo transpessoal — é significativo na medida que garantir a interação viva, dinâmica, de forças que constituem o desenvolvimento progressivo. Mas fazer da mulher uma prisioneira do patriarcado detém o desenvolvimento ulterior. Sua vida e seus interesses são reduzidos àquilo que é meramente pessoal, de fato, ao mais estreito campo material; e agora, repetindo como um papagaio as palavras dos homens, surge uma psicologia do “animus”, um sintoma de que ela caiu sob o poder do homem e do Masculino, que indica deterioração, em lugar do poder gerador matriarcal inerente ao Feminino e à mulher.

Mas, a despeito de tudo isto, temos de falar de uma simbiose cultural do patriarcado, pois, quando analisamos mais profundamente a situação, encontramos a imagem do poder do homem e do Masculino, compensada por uma inversão de longo alcance da “relação de poder”.

A dominação externa por parte do homem e de sua psicologia encontra seu complemento na projeção da alma do homem sobre a mulher e na regressão que acompanha esta “perda de alma”. Na situação patriarcal, a alma, a figura simbólica dos poderes do sexo oposto, arquetipicamente femininos da psique no próprio homem — é reprimida para o inconsciente; mas esta espécie de constelação conduz necessariamente à projeção do elemento reprimido (isto é, a alma) sobre o mundo exterior, o qual, neste caso, é a mulher. Deste modo, o homem “perde” a alma, e, por conseguinte, se perde inconscientemente para a mulher. Esta perda torna o homem emocionalmente infantil, taciturno, instável, suscetível, dependente da mulher em termos dos próprios sentimentos.²⁸

Uma constelação deste tipo leva ao predomínio da Grande-Mãe, isto é, à regressão a um estágio anterior de consciência — no qual o homem se relaciona com a mulher como criança ou amante juvenil e vigoroso.

Tal situação se manifesta de diferentes formas no introvertido e no extrovertido. No nível mais baixo, esta perda de alma transforma o homem em um marido dominado pela mulher, que vive com ela como se ela fosse sua mãe, de quem ele é dependente em todas as coisas referentes a emoções e vida interior. Mas até mesmo o caso relativamente positivo, no qual a mulher é a senhora do domínio interior e mãe do lar que, simultaneamente, tem de lidar com todas as perguntas e problemas do homem ligados a emoções e vida interior, até isso leva a uma

falta de vitalidade emocional e a uma unilateralidade estéril no homem. Ele descarrega somente os assuntos “externos” e “racionais” da vida, profissão, política etc. Por causa da perda da alma, o mundo que ele modelou torna-se um mundo patriarcal, que, por ser desalmado, representa um perigo sem precedentes para a humanidade. Neste contexto, não podemos nos aprofundar ainda mais na importância de um desenvolvimento completo do potencial feminino arquetípico para uma nova, futura sociedade.

Esse tipo de reversão no relacionamento psicológico de poder e dependência entre homens e mulheres com certeza pode ocorrer por detrás da fachada do casamento patriarcal e dentro de uma simbiose cultural “bem sucedida”. Realmente, a força da simbiose patriarcal só faz se tornar maior por meio desta espécie de entrelaçamento inconsciente entre homem e mulher. Com extraordinária frequência, a esposa inteligente sabe como esconder sua ditadura dos olhos do mundo e, com certeza, dos olhos do marido. Pois quanto mais patriarcal e tirânica for a persona de seu marido, mais ele é regido de dentro pela alma.²⁹ No patriarcado, todas as vezes que uma mulher que não a esposa carrega a projeção da alma que rege o homem — e se essa mulher não pode ser incluída na estrutura patriarcal que, na verdade, é fundamentalmente poligâmica tanto oficial quanto não oficialmente — segue-se a dissolução do casamento patriarcal estável, juntamente com uma transição para um estágio superior, mais complicado e mais consciente do relacionamento homem-mulher.

Uma outra forma pela qual os homens perdem a alma para o Feminino e para a mulher dentro da simbiose patriarcal é expressa de maneira um tanto oposta

²⁸Jung, “As Relações”.

²⁹Ibid.

na adesão fanática dos homens ao patriarcado que desvaloriza continuamente o Feminino. Assim o homem se relaciona tiranicamente com a mulher, até o ponto do sadismo sexual e do despotismo patriarcal, de modo que a mulher, como é típico sob a lei patriarcal, já não existe por direito próprio, mas é propriedade do homem. Mas, mesmo nesta situação, a dependência psíquica do indivíduo dominante do sexo masculino em relação à mulher que ele domina ronda no pano de fundo. A dependência masculina se expressa, por exemplo, no predomínio do arquétipo da mãe, arquétipo esse que pode frequentemente ser demonstrado no predomínio da mãe pessoal ou da esposa como mãe dos filhos, como no casamento patriarcal judaico. Muito embora à primeira vista possa parecer paradoxal, uma outra forma pela qual o arquétipo da mãe pode dominar o homem se manifesta como a dependência dele em relação à mulher como objeto sexual. Pois o fato de ele ser dominado pelo sexo corresponde ao domínio da Grande Mãe sobre o filho-amante, o qual na verdade é para ela um instrumento que serve os objetivos coletivos da espécie.³⁰

Visto que a simbiose patriarcal está baseada numa cisão — isto é, no isolamento de uma consciência unilateral do inconsciente que se opõe a ela — aqui também surge o perigo de doença psicológica. Enquanto a pessoa que estiver correndo perigo continuar a ser monopolizada e mantida cativa por uma solução coletiva — por exemplo, pelos valores do cânone cultural patriarcal —, o perigo é coletivamente minorado. Isto acontece de acordo com a ética antiga graças à ajuda da psicologia do bode expiatório,³¹ a qual, neste caso, leva culturas patriarcalmente

informadas, tais como a judaico-cristã, a muçulmana e a hinduísta, a “reconhecerem” o Feminino e as mulheres como o mal. O Feminino e as mulheres são portanto suprimidos, escravizados, externamente eliminados da vida, ou até mesmo, como em julgamentos de feiticeiras, perseguidos e levados à morte como portadores do mal. Apenas o fato de que o homem não pode existir sem a mulher dificultou o extermínio, sob outros aspectos tão popular, deste “mau” grupo de seres humanos que tem de carregar a projeção do inconsciente pernicioso.

Quando uma avaliação coletiva como a patriarcal já não pode persistir em virtude da individualização progressiva da humanidade, tampouco é possível a psicologia coletiva do bode expiatório. Enquanto outrora a mulher era considerada a raiz de todo o mal humano e terreno, hoje em dia dificilmente alguém a considera a causa da Guerra Mundial. Agora a mente coletiva considera ideias ou imagens como agentes, como forças do destino. Culpa o capitalismo ou o bolchevismo por todos os nossos males, culpa a religião ou a falta dela, as condições sociológicas ou as constelações astrológicas, isto é, as condições na terra ou nos céus — chamadas, por exemplo, “os tempos”, mas nunca a realidade do indivíduo.

Mas se persiste uma cisão psíquica, e nenhuma solução coletiva pode superá-la, ela deve ser experienciada individualmente em maior grau do que outrora e levar a doenças individuais — a neuroses. A presença de neuroses é frequentemente a indicação de que estamos lidando com uma pessoa cujo desenvolvimento individual já não se encaixa no padrão antigo, coletivo, e que, conseqüentemente, adoeceu ou é compelida a encontrar novas formas de relacionamento.³²

³⁰Em seu aspecto transpessoal, o complexo de mãe de Don Juan é um exemplo disso. Ver o capítulo “A Grande Mãe” in *Origens e história*, pp. 19-101.

³¹Neumann, *Depth Psychology and a New Ethic*.

³²Vice-versa, a incapacidade do indivíduo de se adaptar ao cânone moderno de valores coletivos pode levar a uma doença “atávica”.

A mulher que é privada da própria vitalidade intelectual ou espiritual por meio da projeção do seu animus sobre o indivíduo do sexo masculino na simbiose patriarcal regride aos estágios pré-patriarcais do desenvolvimento psíquico. Isto pode levar, caracteristicamente, a um reforço do arquétipo da mãe na mulher e à identificação da mulher com ele. O relacionamento primal de Deméter e Coré é revivido, e se ela própria não for capaz de assumir o papel de mãe, o caráter do casamento supostamente patriarcal é determinado pela família da esposa. No caso extremo, a sogra do homem — a mãe de sua esposa — assume o controle. Mas na situação matriarcal, o irmão por parte de mãe, como a verdadeira autoridade, pode também governar a vida da irmã, mais do que o marido.

Uma outra forma de regressão é o retorno ao uróboro patriarcal. Em nível pessoal, isto se manifesta como um aumento de força da imago do pai à qual a mulher retorna. Por exemplo, após um breve período durante o qual o marido é forçado a desempenhar o papel patriarcal-paternal, os valores, opiniões e atitudes do pai da mulher tornam-se novamente decisivos para ela e minam o relacionamento dela com o marido. Para outro tipo de mulher ou outro nível de desenvolvimento, o uróboro patriarcal pode ser projetado sobre um conteúdo transpessoal. O relacionamento pessoal da mulher com o marido pode ser completa ou quase completamente reduzido a nada quando ela empenha sua fidelidade a um movimento, grupo, seita, grande homem, ou algo afim, ou fica fascinada por eles. Embora ela frequentemente mantenha contato com os filhos, em casos extremos esses relacionamentos também podem desmoronar, em virtude de sua regressão. Quando isso acontece, o dragão da regressão conseguiu devorar-lhe “corpo e alma”, uma expressão que caracteriza adequadamente tal situação arquetípica.

Complicações que surgem da simbiose patriarcal, e as tentativas para escapar desta situação coletiva e chegar a soluções e relacionamentos individuais provocam um número não desprezível de problemas matrimoniais modernos. Antes de delinearmos fases adicionais, mais individualizadas, do desenvolvimento da mulher, vamos analisar um sonho que ilustra como foi constelado o problema do cativo de uma determinada mulher moderna no patriarcado.

O sujeito do sonho, uma mulher judia na primeira metade da vida, que vivia em Israel, conheceu um árabe que queria se casar com ela e lhe prometeu uma vida magnífica, com a condição de que ela renunciasse à sua religião. Depois de algumas dúvidas, ela concordou e começou a viver uma vida paradisíaca no palácio do árabe. Mas aquela vida no paraíso era perturbada por um fenômeno que assim era descrito pelo sonho dela: Todas as noites, uma coruja aparecia e despedaçava uma águia. E todas as manhãs, ela era obrigada a ver os despojos da águia, pregados na parede. O sonho terminou quando a mulher começou a escrever uma carta à avó, na qual pedia desculpas por haver renunciado a sua religião.

Vamos tentar interpretar este sonho. O casamento da mulher com o árabe criou uma situação na qual o relacionamento dela com o homem era conforme exclusivamente ao princípio do prazer, de maneira infantil e impessoal. A mulher pagou por esse paraíso sensual do inconsciente com a renúncia à sua religião.

Uma vez que a sonhadora não era religiosa, o sonho não parecia estar tratando de algo essencial de que ela houvesse desistido. Mas abandonar o lado dela mesma que a diferenciava do árabe não deixava de ter consequências. O drama que estava sendo encenado aconteceu num nível mais profundo e impessoal, entre poderes, que, de início, pareciam nada ter a ver com a

consciência e a vida da sonhadora. Todas as noites, uma coruja estraçalhava uma águia. A águia é um símbolo arquetípico masculino do sol, dos céus e do espírito; a coruja, por outro lado, simboliza a noite e o Feminino arquetípico. Além disso, como símbolo da sabedoria do noturno, a coruja por si mesma não está associada a nenhum simbolismo negativo; é aquela que enxerga no escuro, isto é, sua intuição³³ funciona abrangendo os processos obscuros, inconscientes. Enquanto princípio da sabedoria feminina, a coruja é um símbolo tão positivo quando surge como a ave de Atena, quanto é negativo quando surge como a ave da bruxa, que utiliza a mesma sabedoria a serviço do mal.

O Feminino arquetípico, tão submisso e bem-comportado no harém, durante o dia, descarrega sua desforra do mesmo modo que a coruja noturna na águia arquetipicamente masculina. Enquanto a águia rege o dia e a consciência, a coruja precisa se esconder. Mas durante a noite, ela não somente rege como também destrói o princípio arquetípico masculino, o qual, é claro, desperta para uma nova vida todas as manhãs, com o sol.

O simbolismo do sonho revela não somente a reversão da posição de dominação patriarcal à qual já nos referimos e no qual o “lado interior” é representado pelo mundo noturno da coruja, mas também o efeito insidiosamente prejudicial que o Feminino arquetípico reprimido tem sobre o Masculino arquetípico. A oposição patriarcalmente reforçada entre Masculino e Feminino, dia e noite, consciente e inconsciente, leva a uma batalha oculta, porém mortal entre os sexos que vocifera por debaixo da superfície da dominação patriarcal e da simbiose masculino-feminino e das profundezas noturnas do relacionamento inconsciente.

³³Jung, *Tipos Psicológicos*, CW 6, Definição 35.

A aceitação aparentemente inocente do paraíso do harém, por parte da mulher, e sua agradável prontidão em se subjugar ao homem têm consequências ocultas porém terríveis.³⁴ Em sua regressão para a hostilidade matriarcal para com o indivíduo do sexo masculino, simbolizada pela coruja como a Grande Mãe, o Feminino arquetípico vinga-se do Masculino arquetípico que o humilhou e abusou dele como um objeto de prazer. O bom Feminino arquetípico regenera o Masculino à noite, permitindo-lhe renascer com o novo dia; aqui, porém, o Feminino mau dilacera o Masculino, assim como, todas as noites, Penélope resistia a seus odiados pretendentes, destruindo o que tecera durante o dia.

No nível subjetivo, isto é, que se refere à psique da sonhadora, o feito da coruja significa mais do que a destruição do princípio do espírito arquetipicamente Masculino e mais do que a possibilidade ativada de vida arquetipicamente feminina, instintiva, noturna (isto é, inconsciente). Por seu casamento com o árabe, a mulher pagou o alto preço do sacrifício de sua religião, um princípio espiritual pertencente à sonhadora que é na verdade coletivo, mas que, não obstante, representa uma forma mais elevada de consciência do que o lado dominante, estrangeiro, instintivo, representado pelo árabe. Neste sentido, a coruja também representa um aspecto negativo, regressivo do princípio feminino na própria sonhadora que, todas as noites, repetidamente mata o lado arquetipicamente masculino da própria consciência, a águia.

A submissão ao patriarcado e o sacrifício de seu lado espiritual determinam a consciência da sonhadora. Isto

³⁴É extremamente esclarecedor que a narrativa de Apuleio da história de Amor e Psique, a vida de Psique no paraíso sensual de Eros leva às mesmas consequências mortais. Mas, aqui, a invasão do poder feminino hostil é representado não pela coruja, mas pelas irmãs de Psique. Cf. Neumann, *Amor and Psyque*.

comporta duas consequências: uma delas é o paraíso sensual de vida instintiva; a outra é o drama da coruja e da águia no inconsciente coletivo. Interpretado no nível objetivo, onde ocorre entre a sonhadora e seu marido, entre Feminino e Masculino, o drama da coruja e da águia significa isto: a vingança do Feminino sobre o Masculino, regressão ao nível de hostilidade matriarcal para com os homens, isto é, derrota do Masculino, com a ajuda da própria vulnerabilidade ao instinto. É o padrão de Sansão e Dalila: a Grande Mãe com sua vitória noturna e a castração e a mutilação do Masculino arquetípico, com a ajuda dos impulsos aos quais o Masculino é vulnerável.

Todavia, no nível subjetivo, no qual a coruja e a águia são atitudes da própria sonhadora, eis o que o sonho significa: sua prontidão em sacrificar os seus bens espirituais, o relacionamento coletivo com o espírito-pai (religião) em troca de uma vida inconsciente de prazer conduz à dominação catastrófica da Mãe Terrível, que torna a pessoa inconsciente e traz prazer, mas que também aniquila todas as conexões com o princípio masculino, com a consciência, e com o lado espiritual da psique. Nas mulheres modernas, esta regressão é expressa negativamente, tanto interna quanto externamente. Na prática, isso causa danos ao marido e ao relacionamento dela com ele, tanto quanto ao próprio desenvolvimento dela, o qual não pode permanecer sem consciência, nem apenas noturno e semelhante à coruja.

Em contraste com a coruja que mutila,³⁵ que é o aspecto do Feminino arquetípico hostil ao dia, a avó da sonhadora é o aspecto humano da Grande Mãe. O processo pelo qual a sonhadora irá tornar-se consciente da situação faltosa, e ser redimida num mundo que a torna

³⁵Aqui a coruja, símbolo positivo da sabedoria feminina, é negativamente regressiva, pois despedaça a águia "de maneira não natural".

inconsciente, começa com sua carta de desculpas à avó. A avó como Grande Mãe é o Self, que protege o indivíduo e os valores do Feminino arquetípico que afirmam a consciência necessária ao desenvolvimento da inteireza, e a qual, quando é chegado o momento, determina os problemas da vida, particularmente da segunda metade da vida, através dos quais a inteireza deve ser realizada no processo de individuação. Mas o processo de individuação pertence a uma fase do desenvolvimento da mulher que já superou a simbiose da cultura patriarcal.

Enquanto os problemas já mencionados são resolvidos no interior da simbiose do patriarcado, as forasteiras ao patriarcado já não pertencem a esse território particular. Como forasteiras, elas são, em grande medida, "precursoras". Claro, aquelas mulheres que permanecem fixadas no relacionamento primal como filhas eternas da Mãe, ou como filhas eternas do uróboro patriarcal (isto é, presas em estágios pré-patriarcais de desenvolvimento), não conseguem chegar a um casamento patriarcal nem a uma simbiose patriarcal. Mas, para as não redimidas do patriarcado — isto é, para aquelas mulheres nas quais a decepção feminina com o patriarcado está se tornando visível —, a situação é diferente.

A necessidade e a prontidão do Feminino em deixar que o herói o redima das fases pré-patriarcais de desenvolvimento está ligada ao fato de que, arquetipicamente, o Feminino experiencia o Masculino como solar e transpessoalmente espiritual. O Masculino é identificado com a atividade, a vontade e a consciência, e o desenvolvimento rumo ao espírito masculino, assim como o é no desenvolvimento da consciência patriarcal, na qual o próprio masculino assume esta identificação. Mas todas as vezes que a mulher experiencia o homem individual como um mero representante coletivo desses valores — isto é, quando o homem corresponde a eles apenas na medida em que já

atravessou os estágios arquetípicos do desenvolvimento consciente, mas como pessoa e como indivíduo não os realiza de nenhuma maneira vital —, ela se decepciona com ele, pois ele corresponde apenas coletiva mas não individualmente ao arquétipo do herói redentor. Neste caso, a mulher que sofre por causa de um marido patriarcal que fracassa como parceiro antecipa interiormente a fase de “confrontação”, que se caracteriza pelo encontro de dois indivíduos.

Visto que o casamento patriarcal é quase tão antigo como nosso conhecimento histórico — o conhecimento, como a história, somente é possível com o predomínio de uma consciência patriarcal —, as complicações que o cânone da cultura patriarcal acarreta para o Feminino são também muito antigas. Encontramos, por conseguinte, esses tipos de situação e suas soluções já prefiguradas na mitologia. Isto é particularmente observável na mitologia grega³⁶ que, em grande medida, é o precipitado de conflitos fundamentais desencadeados pelo choque entre a mentalidade pré-grega, matriarcal, e os povos gregos patriarcais invasores. Assim, a tragédia do encontro de Jasão com Medeia reside nisto: embora Jasão tenha realmente salvo Medeia do dragão, e a tenha libertado do mundo regido pelo pai dela, falhou, pois deveria ter desenvolvido um relacionamento individual com ela. Abandonou-a porque não era um antagonista à altura da individualidade e da paixão dela obviamente perigosas, que não podiam ficar contidas num casamento patriarcal. Deixada com a desilusão do fracasso do parceiro, Medeia regrediu à Mãe Terrível, que mata seus próprios filhos e vai-se embora na carruagem do dragão. Isto significa que a redenção

³⁶A origem individual dos mitos, sua estratificação imbricada, as novas interpretações dadas a eles, nada têm a ver com esta constelação psicológica que representa uma parte desses poderes, uma constelação que edita e revisa os mitos enquanto tais.

pelo herói — aparentemente obtida pela vitória de Jasão sobre o dragão — ficou incompleta.

Encontramos o mesmo problema com Ariana e Teseu, mas sob forma diversa. Teseu também liberta Ariana, que o ajudara, do poder do pai dela, e então a abandona. Mas neste caso não ocorre regressão à Mãe Terrível; em vez disso, ela dá um passo muito mais positivo, progressista, em direção ao uróboro patriarcal, passo esse que se revela como uma transição de seu desenvolvimento. Dioniso encontra Ariana e a liberta. O fracasso do herói pessoal, terreno — Teseu — é eclipsado pelo relacionamento dela com o Masculino transpessoal capaz de redimir o Feminino.

No desenvolvimento da mulher moderna, isto significaria que seu desapontamento com um parceiro pessoal realmente leva à desistência do relacionamento pessoal com um homem em particular ou com os homens em geral, mas que esse mesmo desapontamento flui para dentro do desenvolvimento emocional e espiritual de um relacionamento redentor com o transpessoal, por exemplo, de uma forma religiosa. Neste caso, não devemos falar de uma regressão ao uróboro patriarcal; em vez disso, devemos encarar a figura patriarcal, urobórica, de Dioniso, como um símbolo progressista do desenvolvimento feminino.

Em contraste com este tipo de encontro positivo com o uróboro patriarcal, vemos outros encontros na mitologia nos quais esse poder é regressivo e destrutivo. Encontramos, por exemplo, o resultado catastrófico deste tipo de situação no mito grego das filhas de Mínias. Por causa de sua tendência a permanecer esposas boas e fiéis — isto é, a cumprir o cânone da cultura patriarcal, recusam-se a permitir que Dioniso as tome à força quando passa triunfalmente pela vizinhança. Mas a abordagem de um arquétipo — isto é, de um poder transpessoal que,

como Dioniso, significa morte, redenção, transformação, em especial para as mulheres — é decisiva, e seu poder avassalador não pode ser excluído da vida sem punição. Por conseguinte, para aquelas mulheres, a tendência constritiva artificialmente imposta da “boa esposa”, para não admitir energias transpessoais prementes, leva à insanidade na qual elas perecem.

Até mesmo as doenças mentais das mulheres de hoje podem ser determinadas pelas atitudes de uma psicologia patriarcal tradicionalmente “fiel” e constritiva. O desenvolvimento rápido ocasionado pela invasão do transpessoal é excluído, nestes casos, e torna-se negativo. Neste sentido, o fato de colocar em risco, na verdade o colapso, do casamento simbiótico, patriarcal, pode constituir um dos diversos elementos necessários ao desenvolvimento da mulher. Sempre que o encontro entre o homem e a mulher é necessário — e aqui, estamos falando do relacionamento entre dois indivíduos — um casamento definido tão-somente pela simbiose patriarcal e por seu caráter coletivo deve ser rompido, esta é uma asserção corroborada não apenas pelo grande número de divórcios, mas também pela cura de muitas doenças neuróticas das mulheres modernas e por seu desenvolvimento.³⁷ A “fidelidade” é um problema central especialmente da psicologia feminina, pois, muitas vezes, a fidelidade não é um indício de um relacionamento vital com o parceiro, mas apenas a expressão de letargia psíquica, e tolhe o progresso necessário do ponto de vista do desenvolvimento para uma nova fase da vida. A quebra da fidelidade pode então ser um sintoma necessário da luta do herói, na qual um tabu que se tornou sem valor deve ser quebrado. A “fidelidade” é então revertida, sendo precisamente a atitude que faz aquilo que o destino exige, mesmo se isso não corresponde

a um cânone tradicional de valores transmitidos — isto é, coletivos. Neste caso, a fidelidade à individuação, vale dizer, ao próprio destino e ao próprio desenvolvimento necessário, é mais significativa do que a fidelidade a uma atitude pré-individual. Mas o que realmente decide um conflito desse tipo, independentemente de como ele surge, é fatal e nunca subordinado a um julgamento coletivo que vem de fora.

Em contraste com o casamento coletivo, patriarcal que, em última análise, é contraído por clãs e famílias, o problema do relacionamento individual — isto é, do encontro — torna-se evidente quando o relacionamento se torna uma questão de amor individual, mais do que de ser impelido por forças externas coletivas, como por exemplo por grupos de energias interiores coletivas, tais como impulsos. Mas o relacionamento individual que toma seu lugar como casamento por amor ao lado do casamento patriarcal tradicional³⁸ pode ainda existir dentro da norma coletiva do casamento patriarcal.

A situação mudou somente nos tempos modernos quando todo o relacionamento entre o Masculino e o Feminino, homens e mulheres, se tornou problemático. Esta mudança se expressa não somente no relacionamento entre marido e mulher, mas também no interior da própria psique, já que o relacionamento do homem com o próprio lado feminino inconsciente, a alma, e da mulher com o seu masculino inconsciente, começa a entrar na consciência.

Aqui termina a psicologia do patriarcado e começa a psicologia do encontro, de entrega e devoção ao Self, da descoberta do Self feminino. São estas as duas últimas e mais elevadas fases do desenvolvimento psicológico

³⁷Ver Neumann, *Depth Psychology and a New Ethic*.

³⁸O protótipo arquetípico desta situação amorosa encontra-se no mito-conto de fada de Apuleio, a história de Amor e Psique.

feminino. Sua descrição ultrapassaria os limites de nosso ensaio, pois os problemas desta fase englobam quase todos os problemas da mulher moderna, na medida em que ela é realmente “moderna”, isto é, não apenas vive por acidente em nossos tempos. Ambas as fases pressupõem uma vitória interior sobre a simbiose do patriarcado. É igualmente possível, no processo, que o desenvolvimento feminino seja levado às últimas consequências no interior de um casamento que começou de maneira patriarcal e simbólica, ou que o processo leve ao rompimento do casamento e a um novo relacionamento. Mas toda transição de uma fase para outra somente pode se dar por intermédio de conflito psíquico, e a personalidade inteira deve ser envolvida.

Uma crise desse tipo, mesmo se ocorrer no interior de um casamento, tem de envolver ambos os parceiros, pois, para a mulher, uma mudança no relacionamento entre homem e mulher também supõe sempre uma transformação correspondente no parceiro. Uma causa extremamente comum de conflitos entre casais e de divórcios está no fato de que o desenvolvimento rumo a uma nova fase de relacionamento, vitalmente necessário para um dos parceiros, está tragicamente fadado ao fracasso em virtude da falta de compreensão do outro parceiro, ou de sua incapacidade de participar do desenvolvimento.

Em contraste com a polarização da simbiose patriarcal, um verdadeiro “encontro” ocasiona um relacionamento no qual homem e mulher se relacionam como estruturas conscientes e inconscientes, isto é, como pessoas inteiras. Em *A psicologia da transferência*, Jung discutia essa forma de relacionamento como um quádruplo arquetípico, isto é, como um relacionamento quádruplo no qual o consciente e o inconsciente de ambos os parceiros estão em contato. Isto engloba a natureza inteira de cada pessoa, e por conseguinte, no caso do

homem, não apenas sua consciência patriarcal masculina, mas igualmente seu lado feminino da anima. Mas isto não é projetado inconscientemente, de modo que o homem pareça, para si mesmo e para sua contraparte feminina, como puramente masculino; ao contrário, o homem e a mulher têm de se relacionar igualmente com os lados feminino e masculino do homem. Em termos humanos isso produz uma plenitude de complicações e problemas, pois o lado feminino da anima do homem é emotivo e de início ele não percebe isso, de modo que só indiretamente e por meio do sofrimento ele experimenta partes essenciais da própria natureza, facetas que experimentou primeiramente na parceira como algo estranho e Feminino. Estes problemas exigem, contudo, o maior esforço, não apenas do próprio homem, mas igualmente da mulher que, por sua vez, tem de testemunhar o colapso de sua imagem de masculinidade ideal, na medida em que vai se tornando consciente do lado feminino do homem.

Com complicações semelhantes, isso é válido também para a psicologia do animus da mulher, e sua crescente percepção dela. Também esse processo exige muitíssimo da compreensão e da tolerância mútua de ambos os parceiros. Consequentemente, nessa fase de encontros, a complicada multiplicidade de relacionamentos psíquicos entre homem e mulher é de fato incalculável.

Atender às exigências desse tipo de situação, contudo, não apenas garante um relacionamento vital e uma tensão de pólos opostos; mas ao mesmo tempo deixa que a essência única e individual de ambos os parceiros entre no relacionamento. Já que o inconsciente da pessoa e sua inteireza são envolvidos no processo de transformação da personalidade, deve-se renunciar ao aspecto exterior convencionalmente coletivo da personalidade, e o caráter único e singular do ser humano começa a dar seus efeitos

sem ser perturbado pela *persona*.³⁹ Mas só então as duas pessoas chegam a um verdadeiro encontro. Ali onde os níveis mais profundos da personalidade estão incluídos na *Auseinandersetzung* viva, as qualidades meramente individuais da personalidade da pessoa constituem o ponto de partida para experienciar o transpessoal em si mesmo e em sua contraparte. Esta forma de encontro é a forma mais elevada possível de um verdadeiro relacionamento entre homem e mulher.

Em princípio, para o homem a forma íntima de relacionamento, simbolizada no quatérnio de transferência e que engloba o inconsciente, parece difícil e importuna, como uma espécie de cativo, e parece estar de acordo com a tendência feminina de formar relacionamentos de identidade. Evidentemente, a tendência de criar relacionamentos de identidade constitui o fundamento da natureza formadora de comunidade do Feminino, que, na *participation mystique*, tenta, de quando em quando, restabelecer os vínculos e laços primitivos da humanidade. Para a mulher, o que carrega o sinal de vida não é o agir, e sim o estar em comunidade. Para ela, isso não é conversa durante as refeições, e sim a refeição compartilhada, não é discussão nem conversa, e sim estar juntos lado a lado que é decisivo.

Onde quer que isso verdadeiramente ocorra, conhecer ao outro sem palavras é uma forma de proximidade mais completa e mais essencial para o Feminino do que a postura face a face do Masculino, ego a ego e consciência a consciência, que divide com mais frequência do que une.

Um grande número de conflitos no casamento e nos relacionamentos depende desse forte contraste entre a natureza masculina e a feminina, tornando a constelação entre homem e mulher tão extraordinariamente complexa

que até mesmo entre anima e animus aparecem os relacionamentos antitéticos que arquetipicamente distinguem o Masculino do Feminino. Fiel à sua natureza feminina, a anima, independentemente do ego masculino do homem, que busca distância, tende a criar um relacionamento de identidade emotivamente colorido que corresponde ao relacionamento primal. Por contraste, em sua feminilidade, a mulher tem de fato a intenção consciente de estar junto, de se unir na *participation mystique*, mas perseguida pelo lado do animus arquetipicamente masculino de sua natureza, não pode se refrear de ter “pontos de vista” separatistas e irritantes, nem de fazer observações críticas etc.; subsequentemente, fica magoada e ferida quando isso perturba a união espiritual que ela tão ardentemente deseja com o marido.

Portanto, para ambos os participantes — homem e mulher — a fase do encontro encerra dificuldades extraordinárias. Elas surgem fundamentalmente do fato de que o problema do relacionamento se mostra inseparavelmente ligado ao problema da individuação, do desenvolvimento da totalidade. A criação de um relacionamento “quaternário”, como o descrito em *A psicologia da transferência* de fato acontece em grande medida no inconsciente, apenas com a participação concomitante, ou completamente ausente por parte do ego. Mas, na realidade, o “relacionamento quaternário” é representado entre a totalidade de ambas as pessoas, isto é, entre a inteireza de ambos, que engloba consciente e inconsciente. Se o elemento psíquico contrassexual de cada uma das pessoas, animus ou anima, é incluído no processo de integração que restabelece a bissexualidade primordial de cada indivíduo, a orientação para o mundo patriarcal de valores deve ser abandonada. Mas isso impele a pessoa a encontrar o próprio caminho, uma tarefa para a qual os preceitos coletivos já não podem oferecer nenhuma ajuda.

³⁹Jung, “As Relações”.

Mais uma vez, isso ressalta um contraste entre os problemas dos homens e das mulheres, contraste esse — com consequências para a adaptação da mulher moderna — que leva facilmente ao desenvolvimento de neuroses. A assimilação do lado feminino é realmente um problema decisivo na individuação do homem, mas continua a ser seu “assunto particular”, pois a nossa cultura patriarcal não apenas não exige individuação, mas na verdade tende a rejeitá-la no indivíduo do sexo masculino. A assimilação do lado do animus arquetipicamente masculino da natureza da mulher, porém, é uma outra história. Nos tempos modernos, a cultura patriarcal, que já não a oprime nem impede sua participação cultural, motiva a mulher, a partir da infância, a desenvolver o lado oposto de sua psique. Isto significa que as mulheres são forçadas a um certo grau de alienação do Self em nome do desenvolvimento consciente. Inicialmente, exige-se mais dela do que do homem. A masculinidade e a feminilidade são, ambas, exigidas da mulher, ao passo que dele se exige apenas masculinidade. Estamos falando aqui de uma das complicações, mas também de uma das oportunidades inerentes à situação da mulher, para a nossa cultura, que levou a haver uma percentagem tão elevada de mulheres envolvidas no desenvolvimento da psicologia moderna, de maneira ativa, por meio de sua colaboração e passiva, por meio de seus conflitos.

Entretanto, uma consequência posterior da situação fundamental da mulher é que, na medida em que a “consciência” é formada pelas avaliações da cultura patriarcal, não desperta respostas entusiásticas nas mulheres, pois muitas vezes está em oposição aos valores do Self feminino como uma expressão da cultura patriarcal. A mulher nunca sente que é exatamente “ela própria” quando identifica seu ego à consciência patriarcal. Frequentemente, tem a impressão de que se aliena de si mesma ao se tornar consciente, pois

sofre o conflito entre a estrutura simbolicamente masculina de sua consciência e a estrutura feminina de sua totalidade como se fosse uma disfunção. Mas o sofrimento dela é legítimo e a “dualidade” dela só é uma disfunção quando medida com a totalidade ingênua e a equivocabilidade da situação primitiva à qual ela deve renunciar.

Assim como os homens e as mulheres são naturalmente compelidos pela energia masculina arquetípica neles existente a abandonar o relacionamento primal e encontrar o caminho rumo ao ego e à consciência, ambos também são forçados por suas energias femininas arquetípicas inerentes a renunciar novamente a esta posição e seguir rumo a uma totalidade que abrange Masculino e Feminino. No caso da mulher, é a própria psique que a força a sair do mundo patriarcal e a entrar no que é propriamente dela; para o homem é a anima, e por detrás da anima, em última análise, também a totalidade da psique que o impulsiona a desistir de sua identidade puramente masculina. Para ambos, tornar-se sadio, inteiro, está no centro do processo de individuação, o desenvolvimento psíquico da segunda metade da vida.

Na fase mais elevada do desenvolvimento feminino, a individuação leva a mulher à descoberta do Self. Agora o encontro com o Masculino assume a forma de um encontro interior, no qual a mulher experiencia as próprias energias arquetipicamente masculinas. Ela se torna agora consciente das influências psíquicas que antes eram experienciadas de forma projetada no mundo exterior. Todos os símbolos e conteúdos característicos da primeira fase reaparecem, mas estão agora sob o signo da integração da personalidade completa e um desenvolvimento que tinha seu centro não no ego, e sim no Self, como o centro da personalidade unificada.

O significado e a importância de uma constelação arquetípica dependem da fase da vida nas quais apare-

cem. Enquanto a fixação em, ou uma regressão a qualquer uma das fases de desenvolvimento do indivíduo é quase sempre negativa durante a primeira metade da vida, a reativação dessas fases tem normalmente uma significação progressiva, isto é, decididamente positiva para o desenvolvimento da mulher na segunda metade da vida, muito embora as fases ainda contenham aspectos perturbadores e aparentemente negativos. Portanto, uma fixação no uróboro patriarcal na primeira metade da vida constela uma incapacidade de relacionamento por parte da mulher no sentido do descontentamento com o marido, frigidez e recolhimento em uma vida de fantasia.

Mas a mesma constelação desempenha frequentemente um papel inteiramente diferente no processo de individuação. Quando agora o uróboro patriarcal inter-vém, pode ter uma função redentora e tirar a mulher da constrição do terreno puramente pessoal, levando-a à experiência do transpessoal.

A interpretação do sonho que segue, de uma mulher moderna, pode servir para ilustrar esse ponto. A situação atual da sonhadora foi o resultado de um conflito existente havia muito entre dois homens: ela experienciava o relacionamento com o marido como algo insatisfatório e insustentável, ao passo que o relacionamento com o amigo era não somente muito positivo do ponto de vista sexual, como também repleto de vida espiritual e emocional. A riqueza do relacionamento expressou-se de várias maneiras, inclusive uma sensação de reciprocidade que se estendia a uma empatia telepática recíproca, no sentido da *participation mystique*.

A sonhadora encontra-se na casa de sua infância onde havia três quartos seguidos: o dela, o quarto do meio, e o de seu pai. No sonho, ela queria fazer uma escolha em favor do marido, e contra o amigo. Queria voltar a seu quarto, mas antes, como se fosse atraída por uma mágica,

tinha de entrar no quarto do pai, passando pelo quarto do meio, onde estava o amigo.

Ela viu uma menina de pé ao lado da escrivaninha do pai, mas a menina era um fantasma, uma sombra. Quando, muito assustada, ela exclamou: "O que você quer de mim?", sentiu como se houvesse sido traspassada por uma agulha e envenenada. "Uma coisa horrível aconteceu." Quando quis voltar a seu quarto, o amigo a descobriu no quarto do meio, e pensou que ela estivesse voltando para ele. Quando a estava abraçando, ficou enorme e se enrolou, cada vez com mais força, em volta dela. "A agulha me furava horrivelmente, ele se enrolava em mim; vejo partes de uma serpente enorme; sussurrando, ele me pergunta se vou ficar com ele para sempre." Quando ela concorda, com um aceno de cabeça, é tomada de tristeza pela perda de seu relacionamento com o marido, e perde os sentidos. Assim termina o sonho.

A fim de entender o sonho, é preciso mencionar que ela era fortemente ligada ao pai, que, segundo ela, não a havia amado. Não obstante, de alguma forma ela parecia ter corporificado a figura da alma dele, e ele tinha o hábito de, repentinamente e sem transição, fazer da filha sua confidente pessoal. O relacionamento da sonhadora com a mãe era muito negativo.

O que acontece neste sonho? Para ela é impossível escapar do amigo e voltar para o próprio quarto, pois a figura feminina no quarto do pai a atrai magicamente. A sombra espectral ao lado da escrivaninha, que a envenena, é ela mesma, em seu relacionamento com o pai. O vínculo inconsciente com o pai, vínculo esse cuja natureza não é pessoal, e sim transpessoal, isto é, arquetípica, e que ainda temos de explicar, determina também seu relacionamento com o amigo, relacionamento que completava seu casamento insatisfatório, não apenas no âmbito sexual. É precisamente esta unidade de elementos sensuais e

místicos que caracteriza o relacionamento com o uróboro patriarcal.

Os aspectos perigosos e esmagadores deste relacionamento, que consistem em um vínculo regressivo e encoberto com o complexo do pai pessoal da sonhadora e com a figura arquetípica do uróboro patriarcal tornam-se aparentes na sua tentativa de se libertar do amigo. A transformação do amigo na grande serpente-dragão do uróboro patriarcal revela o veneno de seu vínculo espectral, espiritual com o pai. O abraço de seu amigo-dragão é apenas mais uma maneira pela qual o arquétipo dominador a envenena. A transformação de seu amigo humano nessa criatura transpessoal, não humana, é uma clara expressão da eficácia do fundo arquetípico, que determina tanto seu relacionamento inconsciente com o pai quanto seu relacionamento com o amigo. Já assinalamos que, com relação à mulher, o dragão é muitas vezes o símbolo do uróboro patriarcal.⁴⁰ É particularmente significativa aqui a maneira pela qual o transpessoal ultrapassa o pessoal.

Um quadro que ela pintara da cena amplia sua condição de alguém que está sob o poder do dragão e amigo que lhe sussurra que agora ela irá permanecer eternamente com ele. É característico do quadro, no qual o amigo a abraça, que um não olha para o outro. Ambos parecem fixar o olhar em algum ponto distante, como que para deixar claro que estão fascinados por alguma coisa diferente do outro verdadeiro, cuja realidade nenhum deles percebe.

Reconhecemos a figura do homem com corpo de serpente, por exemplo, no mito grego dos Titãs e dos Gigantes; a parte inferior dos corpos era retratada como

⁴⁰Ver Neumann, *Amor and Psyque*, e também a referência ao desejo de morte in "The Psychological Meaning of Rituals" (ver acima, n. 10).

serpentes da terra. O Titã que no mito se esforça para se apossar de poderes que estão acima dele, inclusive o Feminino mais elevado, representa um nível inferior de desenvolvimento, que corresponde ao centauro mais altamente desenvolvido, e no qual o indivíduo do sexo masculino tem um corpo de cavalo, em lugar de um corpo de serpente. O centauro também rapta a mulher e tenta dominá-la, isto é, deixá-la inconsciente, e levá-la embora para o Hades etc.

No mito, somente a intervenção de poderes heroicos pode quebrar o poder superior do uróboro patriarcal, que se manifesta em sua forma ctônica inferior. O poder heroico aparece como Teseu e como os lápitas em nível terreno e como Zeus e os deuses do Olimpo no nível celestial, e ambos simbolizam o lado patriarcal da consciência. Na história da humanidade, esta solução corresponde à substituição do uróboro patriarcal em seu agressivo anonimato pelo patriarcado e pelo homem. É isso que o sonho teria significado para a sonhadora, caso ela estivesse na primeira metade da vida, e achasse impossível criar um relacionamento com um parceiro por causa de seu vínculo com o uróboro patriarcal.

Mas aqui, estamos diante de algo diferente. Visto que ela é uma mulher adulta envolvida no processo de individuação, deve tornar-se consciente da figura do uróboro patriarcal e do perigo que ele representa para ela, independentemente da maneira em que seu relacionamento com um parceiro toma forma. Isto significa que ela deve chegar ao ponto de seu desenvolvimento interior no qual ela, como o herói solar, se liberta do abraço do dragão ou sofre a morte-matrimônio com o dragão, em entrega e devoção conscientes a fim de que — juntamente com o dragão — possa emergir transformada. Aqui também a tão citada história de Amor e Psique é paradigmática. Com a aceitação, por parte dela, do

uróboro patriarcal, e da transformação por ele trazida, uma esfera espiritual, de natureza transpessoal revela-se à mulher na segunda metade da vida, uma esfera que pertence de maneira muito profunda ao lado espiritual de sua própria natureza feminina, e que a torna intimamente independente dos valores e juízos do espírito patriarcal, arquetipicamente masculino, cuja essência é estranha a sua natureza.

A controversão, que significa inteireza individual, irrompe durante a individuação, a fase do desenvolvimento na qual a mulher alcança o Self.⁴¹ Começa então um processo de transformação da personalidade, que leva a uma nova síntese dos componentes da personalidade, e no qual o centro de gravidade muda do mundo externo — e do relacionamento externo — para o mundo interior.

C.G. Jung discutiu tantas vezes os processos de transformação válidos de maneira geral para a individuação que precisamos apenas nos referir a seus escritos.⁴² Ademais, não é possível abordar os traços específicos da individuação feminina no presente ensaio. Por conseguinte, somente material extensivo sobre os casos poderia elucidar a conexão existente entre a individuação feminina e os estágios que a antecedem. Devemos pois nos contentar com um breve resumo de alguns dos problemas mais significativos do processo.

No decorrer da individuação, a mulher retrai-se em certa medida de seu relacionamento com um parceiro externo e experiencia dentro de si mesma e em nível mais elevado as autoridades ou os agentes aos quais teve de renunciar no início do próprio desenvolvimento. Assim, chega a uma experiência renovada do lado arquetipica-

⁴¹Ver *Amor and Psyque*.

⁴²Ver Jung, "As Relações"; *Psychology and Religion: West and East* CW 11; e "Concerning Rebirth", "A Study in the Process of Individuation", e "Concerning Mandala Symbolism", todos in CW 9, i.

mente masculino da própria natureza, que no início ela experienciara na maior parte externamente em projeção como herói e como uróboro patriarcal. O processo de transformação leva a uma confrontação com a divindade masculina interior em um plano mais elevado; o nascimento da criança divina e os outros desdobramentos, que, por exemplo, encontramos descritos no mito de Amor e Psique. Mas agora o relacionamento primal reaparece sob uma forma nova e mais elevada: como o encontro do ego da mulher e seu Self feminino. Agora o desenvolvimento é completado e forma uma unidade com o início, quando a mulher torna a se conectar com a Grande Mãe como Mãe da Terra, Sophia, e Self feminino. Quando emerge a imagem urobórica mais elevada do Self, na qual a figura da Grande Mãe e a do uróboro patriarcal do Grande Pai estão unidas, a mulher alcança uma renovação interior, uma forma de fecundidade emocional e espiritual especificamente sua, e da mais elevada experiência que ela pode ter da totalidade da psique.

Assim, além dos estágios do desenvolvimento masculino descritos em *As origens e a história da consciência*, há uma série independente de estágios correspondente à natureza feminina, pelos quais a mulher deve passar a fim de chegar ao Self na individuação. Nenhuma destas duas séries de estágios, porém, é um percurso autocontido de desenvolvimento no qual o indivíduo do sexo masculino se torna masculino e o do sexo feminino, feminino. Repetidas vezes, o princípio do relacionamento com o outro é o elemento decisivo em ambas. Muito embora chegar ao seu Self constitua a meta da individuação no ponto final do desenvolvimento da consciência e da personalidade, a inevitável interdependência do homem e da mulher como parceiros se estende a todos os estágios de desenvolvimento do homem e da mulher. Do estágio mais inferior até o mais elevado, do contenimento no inconsciente ao novo

alcançar do Self na transformação, a pessoa experiencia o que é propriamente seu no outro e por intermédio dele. E é sempre o “inteiramente outro”, oposto àquilo que a pessoa é na polaridade de homem e mulher, Masculino e Feminino, que prova ser o misterioso nume a partir do qual o desenvolvimento rumo a própria autenticidade se ateia e para o qual em última análise ele flui, quando a alteridade é superada de maneira conclusiva.

II

A LUA

E A CONSCIÊNCIA MATRIARCAI*^{*}

1

Na história do despertar da consciência¹ pode-se traçar um desenvolvimento por estágios em que o ego se separa do contenimento no inconsciente, a situação urobórica primeva dos inícios² e se torna no ponto final do processo como o centro da consciência moderna ocidental, face a face com o inconsciente enquanto sistema psíquico separado. Nesse desenvolvimento que leva à libertação do poder superior do inconsciente, o simbolismo da consciência é arquetipicamente masculino, e o do inconsciente, arquetipicamente feminino, na medida em que o inconsciente faz oposição a essa emancipação do ego, como a mitologia e o simbolismo do inconsciente coletivo também ensinam.

A fase na qual o ego-inconsciência ainda é infantil em seu relacionamento com o inconsciente (isto é, relativamente deficiente em independência) é representada

* “Über den Mond und das matriarchale Bewusstsein”, *Eranos Jahrbuch*, volume especial, 1950; reeditado in *Zur Psychologie des Weiblichen*, tradução de Boris Matthews.

¹Neumann, *Origens e História*.

²O urobóro é a serpente que segura sua própria cauda com a boca, símbolo de uma situação psíquica fechada, autocontida, a unidade original. Cf. *ibid*.